

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)

BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES

DOMINGAS DA SILVA

*GUARDIÕES DA MEMÓRIA: TRAJETÓRIAS E IDENTIDADE DOS KANINDÉ DE  
ARATUBA-CE.*

REDENÇÃO-CEARÁ

2016.

*GUARDIÕES DA MEMÓRIA: TRAJETÓRIAS E IDENTIDADE DOS KANINDÉ DE  
ARATUBA-CE.*

Trabalho de conclusão de Curso TCC,  
apresentado ao curso de Bacharelado  
Interdisciplinar em Humanidades da  
Universidade da Integração Internacional da  
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como  
parte dos requisitos para a obtenção do  
Grau de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Professora Doutora Carla  
Susana Alem Abrantes.

REDENÇÃO-CEARÁ

2016.

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira  
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)  
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL  
Catalogação na fonte**

**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219**

---

S578g  
Silva, Domingas da.

Guardiões da memória: trajetórias e identidade dos Kanindé e Aratuba-CE. / Domingas da Silva. – Redenção, 2016.

74 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Susana Alem Abrantes.

Inclui figuras e referências.

1. Índios da América do Sul - Brasil. 2. Índios Kanindé – memórias. I. Título.

CDD 981

---

DOMINGAS DA SILVA

*GUARDIÕES DA MEMÓRIA: TRAJETÓRIAS E IDENTIDADE DOS KANINDÉ DE ARATUBA-CE.*

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades, sob a orientação da Professora Doutora Carla Susana Alem Abrantes.

**Aprovado em 07 de dezembro de 2016**

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Carla Susana Alem Abrantes

Orientadora (UNILAB)

---

Prof. Dr<sup>o</sup>. Max Maranhão Piorsky Aires

Examinador (UECE)

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Caroline Farias Leal Mendonça

Examinadora (UNILAB)

---

Licenciado: Suzenilson da Silva Santos

Examinador (Ponto de Memória do Museu Indígena Kanindé/Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos)

## **DEDICATÓRIA**

Aos Kanindé e à minha família.

## AGRADECIMENTOS

“Tudo posso naquele que me fortalece”.

Primeiramente agradeço a Deus, pelo sopro da vida e pela realização deste trabalho. Obrigada senhor, pelas bênçãos, força e sabedoria que me tem proporcionado para superar todas as dificuldades da pesquisa e, sobretudo, pela oportunidade de concluir mais uma etapa da vida. Obrigada por estar comigo na hora da tristeza e da alegria, senti sempre a sua presença ao meu lado.

À minha família querida e amada, ao meu falecido pai, Joãozinho da Silva que sonhou tanto com esse dia, onde quer que esteja, quero que sinta o orgulho de sua filha. À minha mãe Joanhina Fernandes, por estar comigo e acompanhar o meu crescimento, sempre com palavras boas para mim, hoje posso distinguir a sua grande importância na minha vida, apesar das dificuldades e obstáculos, conseguiu uma maneira de iluminar o meu caminho e oferecer o melhor para mim, não tendo tido a oportunidade de estudar, por isso dedico-lhe este trabalho, com todo o meu amor.

Ao meu grande irmão, João Pinto Fernandes da Silva, por ser aquele irmão querido que ocupou três espaços na minha vida, o de irmão, pai e mãe, sem o qual a minha vida não teria se voltado no sentido dessa caminhada acadêmica, apesar das dificuldades em que se encontra neste momento, mas Deus é pai e Ele sabe de tudo, o meu amor de irmã sempre será igual. A Jessie Santos da Silva, Roberto da Silva, Alexandre da Silva e Elminia da Silva por serem irmãos, amigos e companheiros tão fiéis ao acompanhar o meu dia a dia nesse percurso, apesar da distância, sempre estão perto de mim. Levarei os seus conselhos por toda a minha vida.

À minha estimada e ilustríssima professora doutora Carla Susana Alem Abrantes, por ser amiga e irmã de coração, que vem me acompanhando e colaborando no meu crescimento acadêmico, agradeço-lhe pelas oportunidades de poder estar em sua companhia, aperfeiçoando continuamente meu desenvolvimento intelectual. Obrigada pelas críticas certas nas horas incertas. Agradeço-lhe por ser aquela orientadora cuidadosa e pelo tempo dispensado a mim. Hoje descobri que nesta vida, ninguém consegue prosseguir só, sem um suporte para o percurso. Jamais a esquecerei, pois me fez crescer e conseguir dar o primeiro passo nesta caminhada.

Aos Kanindé de Aratuba-Ce, pelo carinho e harmonia ao compartilharem comigo os melhores momentos de aprendizagem do trabalho de campo. Aos *guardiões da memória*, Cacique Sotero, Cícero Pereira dos Santos, Francisco Bernardo (Sinhô) e Pajé Maciel que dedicaram seu tempo com muito carinho e atenção à busca dos fatos, lembranças e memórias dos antepassados, para contribuir nessa pesquisa, pelo apoio e compreensão quanto às perguntas na realização das entrevistas, entre outros constrangimentos, constituindo-se em verdadeiras fontes de inspiração desse trabalho: o meu eterno agradecimento!

A dona Zenilda Gomes dos Santos, esposa de Cícero Pereira dos Santos e a seus filhos, França Gomes dos Santos, Leninha Gomes dos Santos, Terezinha Gomes dos Santos, Elenilson Gomes dos Santos e netos, que sempre estiveram comigo no momento da pesquisa, pelo apoio, a recepção, alimento, incentivo e acompanhamento para a casa dos entrevistados nas subidas das serras, sem vocês esse momento não teria sido vivido, grato por tudo.

Ao Suzenilson da Silva Santos, filho do cacique Sotero e de Tereza Pereira dos Santos, agradeço pelo contato da visita à comunidade, pelo carinho com que sempre fui tratada ao compartilhar os momentos de aprendizagem e troca das matérias acadêmicas que contribuíram tanto para a evolução intelectual do meu conhecimento. A Antonia Kanindé agradeço pela generosidade de ter me recebido em sua casa, pela troca das experiências e material, o que facilitou o meu aprendizado relativo à história dos índios Kanindé.

Ao cacique Daniel dos Pitaguary, apesar de não se encontrar aqui neste mundo, a minha homenagem, pelo conselho e pela motivação para continuar essa minha pesquisa. Gloria eterna a este herói guerreiro!

Aos meus primos Agnelo Pinto e Zito Pinto, ao tio responsável, José Quintino Lima, agradeço-lhes os conselhos, o incentivo e o apoio, por estarem sempre ao meu lado nos momentos de tristeza ou de alegria, me dando força para continuar meu estudo, se cheguei aqui onde eu estou hoje, devo muito a vocês. Obrigada de coração. À minha cunhada Gisela Sami, obrigada pela sua cumplicidade de estar ao meu lado, de ser aquela pessoa especial na minha vida.

Aos companheiros de luta, amigos e amigas que fizeram parte desta jornada, agradeço-lhes por ter compartilhado os melhores momentos, tristezas, alegrias e momentos de dificuldades, posso afirmar que tornaram essa minha caminhada mais

agradável e cuidadosa. De forma especial, aos companheiros do grupo de pesquisa Cooperação Internacional e Tradições de Conhecimentos: Dingana Paulo Faia Amona, Antônio Abipinte Té, Numna Té, Deusimara Oliveira e à pesquisadora antropóloga Daniele Ellery, entre outros colegas, que sempre estiveram comigo durante essa caminhada acadêmica. Aos meus amigos Calilo Fati, Mamadu Uri Baldé, por compartilhar comigo as experiências acadêmicas, pelo incentivo para que não desistisse dessa jornada, pela motivação, ao sonharmos sempre juntos, com vocês descobri que ter amigos é ter tudo na vida.

Ao meu cúmplice, irmão e amigo de todo o tempo, Francisco Wallison Batista de Lima, agradeço pelas viagens da pesquisa de campo, pelo suporte nos momentos de tristeza, decepção, angústia, alegria, pois sem tudo isso, não teria sentido essa jornada. Meus agradecimentos sinceros pelos momentos que passamos juntos, por ser aquele companheiro simpático e especial na minha vida, com quem aprendi muitas coisas e cuja amizade preservarei por toda minha vida. Obrigada pelas palavras de motivação: “Calma, Domingas tudo vai dar certo”.

## EPÍGRAFE

“A educação é o grande motor do desenvolvimento pessoal. É através dela que a filha de um camponês se torna médica, que o filho de um mineiro pode chegar a chefe de mina, que um filho de trabalhadores rurais pode chegar a presidente de uma grande nação.” (Nelson Mandela)

## RESUMO

Esta monografia tem por objetivo analisar a trajetória dos *guardiões da memória* e suas narrativas sobre o que é ser índio Kanindé de Aratuba-Ce. Neste sentido, busca realizar uma análise da construção da história e memórias individuais do dos *guardiões da memória*, José Maria Pereira dos Santos (Cacique Sotero), Constantino de Sousa Maciel (Pajé Maciel), Francisco Bernardo da Silva (Sinhô) e Cícero Pereira dos Santos. Esses quatro *guardiões da memória* têm uma grande importância na afirmação étnica Kanindé e na transmissão oral do conhecimento passado para as novas gerações. Por fim, busca conhecer suas vivências e histórias e assim entender a memória dos antepassados e o processo de reconstrução de sua identidade étnica no contexto histórico e social dos índios Kanindé. Concluímos, a partir do estudo, que é de extrema importância a construção da memória dos mais velhos, os *guardiões da memória* para os índios Kanindé, uma vez que também contribui para o fortalecimento de laços de sociabilidade com outras aldeias indígenas do Ceará.

**Palavras-chave:** trajetórias sociais, identidade étnica, índios Kanindé, Aratuba (CE), etnografia, antropologia.

## ABSTRACT

This monograph aims to analyze the trajectory of the *guardians of memory* and their narratives about what it is to be Indian Kanindé in Aratuba-Ce. In this sense, it seeks to carry out an analysis of the construction of the history and individual memories of the *guardians of memory*, José Maria Pereira dos Santos (Cacique Sotero), Constantino de Sousa Maciel (Pajé Maciel), Francisco Bernardo da Silva (Sinhô) and Cícero Pereira dos Santos. These four *guardians of memory* are of great importance in the Kanindé ethnic assertion and in the oral transmission of past knowledge to the new generations. Finally, it seeks to know their experiences and histories and thus to understand the memory of the ancestors and the process of reconstruction of their ethnic identity in the historical and social context of the Kanindé Indians. We conclude from the study that it is extremely important to build the memory of the elders, *guardians of memory* for the Kanindé Indians, since it also contributes greatly to the strengthening of ties of sociability among other indigenous villages of Ceará.

Key words: social trajectories, ethnic identity, Kanindé Indians, Aratuba (CE), ethnography, anthropology.

## RÉSUMÉ

Ce travail a pour but analyser la trajectoire des *gardiens de la mémoire* et leurs récits sur ce que c'est être Indien Kanindé de Aratuba-Ce. En ce sens, il cherche à réaliser une analyse de la construction de l'histoire et des mémoires individuelles du passé et du présent des *gardiens de la mémoire*, José Maria Pereira dos Santos (Cacique Sotero), Constantino de Sousa Maciel (Pajé Maciel), Francisco Bernardo da Silva (Sinho) et Cicero Pereira dos Santos. Ces quatre gardiens de la mémoire sont d'une grande importance dans l'affirmation ethnique de Kanindé et la transmission orale des connaissances passées aux nouvelles générations. Enfin, on cherche à connaître leurs expériences et leurs histoires et ainsi comprendre la mémoire des ancêtres et le processus de reconstruction de leur identité ethnique dans le contexte historique et social des Indiens Kanindé. Nous concluons à partir de cet étude, qu'il est de la plus grande importance la construction de la mémoire des anciens, *gardiens de la mémoire* dans cette construction sociale des Indiens Kanindé car cela contribue grandement au renforcement des liens de sociabilité entre les autres villages indigènes du Ceará

Mots-clés: trajectoires, identité ethnique, indiens Kanindé, Aratuba (CE), ethnographie, anthropologie.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAP. 1 Trajetória dos Guardiões da Memória</b> .....	21
1.1 José Maria Pereira dos Santos (Cacique Sotero) .....	22
1.2. Constantino De Sousa Maciel (Pajé Maciel).....	28
1.3. Francisco Bernardo da Silva (Sinhô).....	36
1.4. Cícero Pereira dos Santos.....	41
<b>CAP. 2 Narrativas sobre a identidade étnica</b> .....	48
2.1 História de deslocamento.....	51
2.2 Coletividade e terra.....	54
2.3 Celebrações dança e luta.....	57
2.4 Ligações com antepassados e gerações novas.....	60
2.5 Articulações externas e apoio à luta dos Kanindé.....	63
<b>CONCLUSÃO</b> .....	69
Referências bibliográficas.....	71
Entrevistas.....	72
Anexo I.....	73
Anexo-II.....	74

## INTRODUÇÃO

“Mãe terra! É uma pessoa que nós chamamos da natureza. Mãe terra, sem ela ninguém pode viver e nem os que estão no espaço: lua, estrela e sol vão estar tudo apagado. A terra ela traz vivência, água e comida. Para nós a terra é uma das coisas importantes que a gente tem.” (Cacique Sotero, julho/2016).

O trabalho que ora apresentamos constitui o requisito do fim do curso destinado à obtenção do grau de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). O estudo tem como título *Guardiões da Memória: Trajetórias e Identidade dos Kanindé de Aratuba-Ce* e foi realizado a partir de pesquisa de campo junto aos *guardiões da memória*<sup>1</sup>.

### 1 Os *guardiões da memória*

O termo *guardiões da memória* tem um significado para esse povo. Durante a visita de campo, fui apresentada aos mais velhos como *guardiões da memória* por serem considerados as pessoas com mais informações, as mais velhas, as que têm mais história e mais memória do passado. Eu, como pesquisadora e a partir de encontros e entrevistas com mais velhos, pude perceber que esse lugar e função para a comunidade pode ser entendido a partir das trajetórias de vida de quatro membros da comunidade.

José Maria Pereira dos Santos (Cacique Sotero), Constantino de Sousa Maciel (Pajé Maciel), Francisco Bernardo da Silva (Sinhô) e Cícero Pereira dos Santos são os quatro membros considerados *guardiões da memória* por serem as pessoas com mais experiência que contribuíram no trabalho de resgate da memória dos antepassados para as novas gerações. Também foram importantes pela participação na luta em prol do reconhecimento e igualdade do povo perante outras sociedades. Assim sendo, eles são centrais quanto à evolução e aos dados coletados nesta pesquisa.

A princípio, eu observei que essas pessoas que conheci entre os Kanindé de Aratuba viviam de um modo enquadrado numa determinada prática cultural. A ideia da cultura pode ser vista a partir das pessoas que conservam uma tradição cultural,

---

<sup>1</sup>Para a grafia deste TCC, utilizamos o itálico para termos centrais deste trabalho retirados da pesquisa de campo, como é o caso de *guardiões da memória*. As aspas são usadas quando o sentido de uma palavra precisa ter o seu significado suspenso e para citações de autores, como é usual.

valorizam a memória dos antepassados e transmitem o conhecimento de geração para geração, como aprendi lendo Kottak (2013). Mas, de acordo com a minha experiência de campo e análise dos dados, também observei que ser índio Kanindé é ser uma pessoa ativa, vivenciando seu tempo, participando das reuniões fora e dentro da comunidade, o que me levou a uma aproximação dos termos de Fredrik Barth sobre a construção étnica como um resultado, uma consequência das ações dos indivíduos<sup>2</sup>.

De forma resumida apresento nesta introdução os Kanindé de Aratuba-Ce e seu passado de muitas perseguições por parte dos brancos fazendeiros (criadores de gado). Na história dessa comunidade, os relatos indicam as dificuldades de reconhecimento do grupo como ‘índios’ devido às ameaças de morte pelos brancos e também muitos conflitos com fazendeiros que lhes forçaram a criar gado. Isso fez com que os Kanindé se afastassem dos territórios de origem e dos fazendeiros (por não gostarem de criar gado), à procura de um ‘olho de água’, de um lugar para a sobrevivência. Por outro lado, verifiquei através dos quatro entrevistados, os *guardiões da memória*, que há uma trajetória em comum. Eles viveram um período histórico específico de muito preconceito e disputa pela terra. Foi esse o momento de ‘silenciamento’ sobre a sua identidade, uma condição que os obrigou a ficarem calados, para se livrarem da morte. Esses foram os momentos de seu passado em que se encontraram frente às perseguições dos brancos fazendeiros, criadores de gado.

No modo da vida dos Kanindé, observamos que o roçado e a agricultura são a maior parte de sua economia de sobrevivência, além de constituírem um espaço para a sociabilidade da família, uma vez que, na trajetória dos *guardiões da memória*, entendemos que o roçado e agricultura contribuíram para o processo de iniciação das crianças ao aprendizado do trabalho aos oito anos de idade e sua subsequente atuação ajudando os pais na produção do alimento para casa.

---

<sup>2</sup> “Na minha concepção, é muito mais vantajoso considerar essa importante característica como uma consequência ou resultado ao invés de tomá-la como um aspecto primário ou definidor da organização dos grupos étnicos” (BARTH, 2000, *O guru, o iniciador*, pp. 07-239). “Ao se focar aquilo que é socialmente efetivo, os, grupos étnicos passam a ser vistos como uma forma de organização social. A característica crítica passa a ser então a auto atribuição e a atribuição por outros. A atribuição de uma categoria é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica, mais geral, determinada presumivelmente por sua origem e circunstâncias de conformação. Nesse sentido organizacional, quando os atores, tendo como finalidade a interação, usam identidades étnicas para se categorizar e categorizar os outros passam a formar grupos étnicos” (BARTH, 2000: 31-32).

De acordo com suas narrativas, identificamos ser comum tanto o trabalho de roçado e agricultura como a parte econômica para a sustentabilidade da família. Todos os quatro casaram e constituíram famílias. O casamento é um fator importante no crescimento das famílias para a evolução da luta pela terra.

Esses quatro atores *guardiões da memória* têm funções para a sua comunidade diferenciadas, como por exemplo, José Maria Pereira dos Santos (Sotero), foi responsável pela comunicação, por levar e buscar informações de fora para serem apresentadas dentro da comunidade dos Kanindé, tendo recebido o nome de cacique. Temos Constantino de Sousa Maciel, responsável pela medicação, que cuida de saúde dos índios e fica o tempo todo trabalhando para trazer os remédios para as pessoas doentes na comunidade, na função de Pajé. Por outro lado, Francisco Bernardo da Silva (Sinhô) trabalha no resgate da memória, luta pela escola especializada e pelos postos de saúde, entre outros movimentos indígenas dentro da comunidade Fernandes. E por último, temos Cícero Pereira dos Santos, que também é o líder que trabalha junto com as crianças na escola, repassando os conhecimentos de gerações passadas para as novas gerações. Neste caso identificamos também o trabalho do cacique e do pajé como funções não individuais e sim funções coletivas, para todos os participantes da cultura indígena na etnia Kanindé.

Tendo em conta que, na perspectiva deles, ser índio Kanindé é viver guardando as memórias dos antepassados, observamos que esses indivíduos permaneceram calados para se livrar da morte e perseguições dos brancos. Somente em certo momento da história, após a Constituição de 1988 e de situações locais, como veremos no capítulo 3, eles passaram a reconstruir e a tornar visíveis as tradições dos antepassados e a lutar pelo reconhecimento do povo como “índio”.

Para compreender a identidade étnica do povo Kanindé, apoiamo-nos em Fredrik Barth, que afirma que “[...] a etnicidade representa a organização social de diferenças culturais”. (BARTH, 2005, p.16) De acordo com Barth, a cultura é uma reelaboração permanente da identidade étnica.

Neste sentido, os Kanindé reelaboram a memória dos antepassados a partir de uma organização coletiva de reconhecimento do povo, para reafirmar sua identidade étnica, através da conservação da memória de gerações passadas para as gerações novas,

para manter as tradições dos antepassados e a continuação da cultura indígena. A pesquisa sobre o Museu Indígena de Alexandre Oliveira Gomes teve grande importância para a reconstrução da memória dos antepassados na organização social do povo Kanindé. (GOMES, 2012. pp. 12 - 275). Além disso, esse autor nos levou a entender melhor como se deu a afirmação étnica do povo e as dinâmicas que tiveram lugar no trabalho de resgate das tradições dentro da aldeia dos Fernandes da etnia Kanindé.

Refletindo sobre a identidade étnica que está presente no cotidiano do território social do povo Kanindé, considero importante levar em consideração o que João Pacheco de Oliveira (1998) salienta sobre o processo histórico ocorrido. O território (e a sua delimitação) é um elemento chave para a formação de uma identidade própria, de organização de um objeto político administrativo para uma coletividade organizada. Segundo (OLIVEIRA, 1998, p. 55):

“[...] a noção de territorialização é definida como um processo de reorganização social que implica: 1) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; 2) a constituição de mecanismos políticos especializados; 3) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; 4) a reelaboração da cultura e da relação com o passado.”  
(Grifo nosso)

De acordo com Oliveira (1998) a noção de territorialização sugere que a identidade é transformada por uma coletividade organizada e diferenciada, que formula a sua própria identidade étnica, introduz novos mecanismos para as tomadas de decisões, representação e reestruturação das suas formas culturais. Esse processo está ligado ao resgate da memória dos antepassados perante as tradições de um povo.

Desta forma, é preciso compreender que os Kanindé são um grupo étnico, envolvido nesse processo de reestruturação social e cultural, de acordo com suas demandas na recuperação da memória dos antepassados, na luta pela terra e pelo ensino ‘especializado’. Igualmente surge a intervenção das políticas públicas, um desenvolvimento recente que se estabeleceu com a Constituição Federal de 1988 e incorporou as participações das comunidades étnicas, diferenciadas, na democracia do Brasil.

Assim, os *guardiões da memória* nos ajudam a entender esse processo histórico à medida que recontam o passado de todos os acontecimentos vividos por eles os mais velhos na reconstrução da sua identidade étnica Kanindé. Também achamos ser este TCC de grande importância para guardar a memória dos mais velhos da coletividade tradicional do povo Kanindé no contexto do ensino e da pesquisa na UNILAB<sup>3</sup>. Assim, o processo desta pesquisa foi relevante para a coletividade dos índios Kanindé e principalmente para os *guardiões da memória* ao colocar em destaque o seu papel na reestruturação da cultura e tradição dos antepassados, bem como nas suas lutas pela recuperação da identidade étnica. Sendo assim, registra-se ser um dos objetivos desta pesquisa o de colaborar com os *guardiões da memória*, trazendo esses fatos da história individual e coletiva que servirá como uma lembrança registrada para as futuras gerações.

#### Os Kanindé de Aratuba-Ce

Os Kanindé são um povo indígena que vive nos municípios de Aratuba-Ce (Sítio Fernandes) e na fazenda Gameleira no (Sertão de Canindé) no estado do Ceará. Essas duas aldeias formaram uma única família da etnia Kanindé de origem KA, em cuja representação figuram os bichos do mato com a parte de cima preta e a barriga branca. Compreendem 162 famílias e um total de 950 pessoas e a comunidade indígena de Balança, que fica no pé da serra, compreende mais de 38 famílias, num total de 300 pessoas.

Também existe o povo Kanindé no município de Canindé na comunidade de Gameleira - CE, que compreende mais de 45 famílias, num total de 142 pessoas. Hoje existem aproximadamente 1200 a 1300 indígenas na comunidade Fernandes, 97% destas pessoas se apresentam como índios<sup>4</sup>.

#### Caminhos metodológicos

---

<sup>3</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, é uma universidade que se propõe em estudar os diferentes níveis do conhecimento intercultural, baseando nas integrações dos estudantes africanos vindo dos países da língua oficial portuguesa. Sendo assim, essa pesquisa irá contribuir muito nos estudos da epistemologia indígena que sirva como referência e do conhecimento elaborado dentro dessa universalidade.

<sup>4</sup> Entrevista com Elenilson Gomes dos Santos, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes em 13 de junho de 2015.

O trabalho enquadra-se dentro do modelo de estudo da pesquisa de campo, realizada na aldeia Fernandes de Aratuba-Ce, durante um ano e três meses de contatos, experiências e vivências com os *guardiões da memória*. Durante a pesquisa realizei sete visitas à aldeia para pesquisa de campo iniciada em 13 de junho de 2015 e terminada em 11 de setembro de 2016. A pesquisa foi financiada por mim, com auxílio dos PAES<sup>5</sup> da UNILAB, que contribuíram tanto no recurso de transporte, como na alimentação, durante a minha estadia na comunidade.

Foi em 16 de maio de 2015 que tive o privilégio de conhecer os Kanindé de Aratuba-Ce, nos encontros de Museus Indígenas do Ceará, realizados na escola indígena especializada Manoel Francisco dos Santos, da aldeia Fernandes, a partir do convite do professor Roberto Kennedy, para os alunos do quarto trimestre da disciplina, História das Ideias e Políticas Sociais. A disciplina foi ofertada no curso de Bacharelado em Humanidades na UNILAB e foi a partir daí que tive contato com os *guardiões da memória* e participantes da cultura indígena da aldeia Fernandes. Daí surgiu a ideia de fazer a pesquisa de campo para o trabalho de conclusão do curso (TCC), para entender melhor as “Histórias e Práticas Religiosas dos Kanindé de Aratuba-CE” (título inicial do meu trabalho).

Durante essa primeira fase da pesquisa optei por um olhar que percebia como religiosas as práticas observadas entre os Kanindé (tais como a dança Toré e outros rituais). A religiosidade não era um conceito relevante para índios Kanindé, fato que percebi após os primeiros contatos com os Kanindé e, em especial, na entrevista feita com o líder Cícero Pereira dos Santos no dia 31 de outubro de 2015. Cícero acabou por me apresentar os Kanindé a partir do conceito de ‘práticas culturais’ e não ‘religiosidade’. Segundo Cícero:

“[...] a comunidade não se representa com a religiosidade, mas sim o que nos representa é a cultura indígena, que era mais forte na comunidade. Hoje a cultura se realiza nos pastorados, nossos rituais usaram uma parte que nos apresentamos como indígena diferente da religião católica, e nós temos as nossas vestes, pintura, ‘murungo’ com colares, ‘maraca’ entre outros objetos que representam as nossas vestes indígenas como parte da tradição cultural indígena.” (Cícero/2015).

---

<sup>5</sup> Programa de Assistência ao estudante, no valor de R\$530,00, que corresponde ao auxílio particular de instalação e alimentação.

A partir dessa narrativa do Cícero, comecei a ter outra visão sobre índios Kanindé em conexão com a ideia de cultura para sustentar o trabalho. Passado algum tempo, o trabalho obteve um recorte mais específico, dando continuidade à importância dos relatos dos *guardiões da memória*, mas com foco sobre as suas narrativas e histórias de vida. Esse recorte foi negociado com as lideranças que estiveram presentes à visita do dia 18 de junho (Suzenilson Silva dos Santos e Suerdo Gomes Martins,) de 2016, em conjunto com a minha orientadora Carla Susana Alem Abrantes. Diante da ideia de que esse fosse um trabalho também significativo para os Kanindé, uma das escolhas metodológicas foi a de partilhar a decisão dos caminhos da pesquisa com as lideranças.

Em 16 de julho de 2016, a segunda viagem foi feita com a orientadora Carla Susana Alem Abrantes para uma roda de conversa na escola Manoel Francisco dos Santos, com José Maria Pereira dos Santos conhecido como Cacique Sotero, o líder Cícero Pereira dos Santos, o líder Francisco Bernardo conhecido como Sinhô e Constantino de Sousa Maciel, conhecido como Pajé Maciel, na aldeia Fernandes. Essas pessoas são os principais conservadores da memória. Nesse momento, chegamos ao título e recorte definitivo da pesquisa: *Guardiões da Memória: Trajetórias e Identidade dos Kanindé de Aratuba-CE*.

O percurso da pesquisa de campo, de acordo com Brandenburg “[...] é sempre muito significativo, pois o pesquisador ao ouvir falar, ou observando capta sensação presente nas narrativas e acaba sentindo o fato ocorrido, por mais imparcial que esteja”. (BRANDENBURG, 2015, p. 17)

Na recolha de dados dos entrevistados, para não deixar fugir as informações, sempre utilizei o gravador do celular e o caderno de anotações para as entrevistas, o que contribuiu muito na recolha das informações para a posterior transcrição no formato de relatório. Na transcrição, passei horas debruçada sobre a mesa, na frente do computador e do caderno para ser mais fiel às fontes obtidas no campo. Segundo Verena Alberti (2006), (*apud* BRANDENBURG, 2015, p. 18) “por isso não cabe acrescentar novas palavras, ou substituir as que são usadas por sinônimos. Ao interpretar uma entrevista convém ser mais fiel à lógica e às escolhas do entrevistado”.

Em seguida, no percurso destas sete viagens de pesquisa de campo podem ser enfatizados dois momentos muito importantes, onde consegui obter todas as informações completas que sustentam o segundo capítulo. O primeiro momento foi no dia 16 de julho de 2016, como tinha dito acima, em que se deu a negociação do tema

*guardiões da memória*, com o privilégio de encontrar com esses quatro entrevistados, montando uma roda de conversa, com as narrativas de uma rica história sobre a identidade étnica do povo Kanindé.

O outro momento importante do percurso da pesquisa foi entre dias 9 a 11 de setembro de 2016, com a visita à casa de todos os entrevistados *guardiões da memória*, quando então falaram sobre suas trajetórias de vida. E foi desse jeito que eu consegui mapear e finalizar essa pesquisa, realizar o primeiro capítulo, com os seguintes resultados obtidos sobre a trajetória dos *guardiões da memória* para chegarmos ao objetivo almejado.

#### Divisão dos capítulos

Quanto à estrutura, o nosso trabalho, além de ter esta parte introdutória e a conclusão, encontra-se organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Trajetórias dos Guardiões da Memória*, iniciamos uma apresentação dos principais conceitos deste trabalho e contamos a história de vida de cada um, para compreender as vivências do passado e presente dos mais velhos *guardiões da memória*, com alguns conceitos básicos que ajudaram a delinear aspectos e refletir sobre quem são os *guardiões da memória*.

No segundo capítulo, trazemos a questão das Narrativas Sobre a Sua Identidade Étnica, onde abordamos os discursos, o que dizem sobre si e sobre o outro, como recuperam a memória dos antepassados para as gerações novas, que vivências mostram do passado antes do reconhecimento do povo como 'índio'. Em seguida temos a parte integrante deste trabalho que se compõe com as referências bibliográficas e as entrevistas, em anexo.

## CAPÍTULO 01. TRAJETÓRIA DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA

Procuramos trazer neste capítulo as trajetórias dos *guardiões da memória*, com o objetivo de resgatar a história individual de cada um e conhecer esses entrevistados, o que eles fazem perante sua identidade étnica e a coletividade do povo.

Neste sentido, pretendemos mapear a história individual dos *guardiões da memória* para compreender os acontecimentos sócio-históricos relativos aos índios Kanindé.

De início apresentaremos cada um dos guardiões levando em conta a organização cultural hierárquica do povo Kanindé. Assim, começamos com a trajetória do José Maria Pereira dos Santos (Cacique Sotero), por constituir uma liderança principal na afirmação étnica do povo e por ter participado da primeira reunião Tremembé em Maracanaú. Essa reunião deu motivações para a liberdade dos índios no Ceará. Também vale ressaltar a importância do Cacique Sotero na organização do povo e na construção de resgate da memória dos antepassados perante a mobilização étnica e cultural. Ele também ocupou um papel brilhante como responsável pela comunicação, o que é em geral considerado como uma característica do Cacique. Em seguida, trazemos a história de Manuel Constantino de Sousa Maciel (Pajé Maciel) que também é uma das lideranças que participou ativamente nos trabalhos da cura e medicação do povo dentro da aldeia. Neste sentido, ele passou a ser Pajé, a convite do Cacique Sotero, na realização da primeira reunião dos índios Kanindé na aldeia Fernandes. Foi a partir desta reunião que Sotero passou a ser representante da comunicação, adquiriu a função de Cacique e escolheu o Pajé, como representante das curas e medicação para atuar dentro da aldeia.

Também mapeamos a história de Francisco Bernardo da Silva (Sinhô) como uma referência ancestral do povo, que vem atuando na organização dos índios Kanindé desde o começo de participação coletiva do povo, ocupando todas as funções no trabalho de resgate. É importante concluirmos este capítulo com a trajetória do Cícero Pereira dos Santos, uma liderança indispensável na transmissão do saber dos antepassados para as novas gerações.

### 1.1. JOSÉ MARIA PEREIRA DOS SANTOS (CACIQUE SOTERO)

De acordo com Sucupira e Rodrigues (2015) a trajetória de vida implica o percurso da própria vivência, conectando os fatos do passado do indivíduo com um determinado grupo social. Uma trajetória também procura apresentar o sentido ordenado de todos os acontecimentos, história, lugar, data de nascimento, família, construção dos aspectos morais e psicológicos que podem estar relacionados a um conjunto das representações vinculadas a especificidades culturais.

“Tudo posto, entende-se a própria vida como uma consequência de memórias com origem na história, na cultura e na vida social, podendo virar conforme as épocas, os contextos e os ambientes, o que leva a uma reflexão sobre modelos e programas de percursos de vida que são inscritos nas instituições: família, escola, associação igreja e nos espaços sociais que condicionam as representações e a própria vida.” (SUCUPIRA E RODRIGUES, 2015, p. 52).

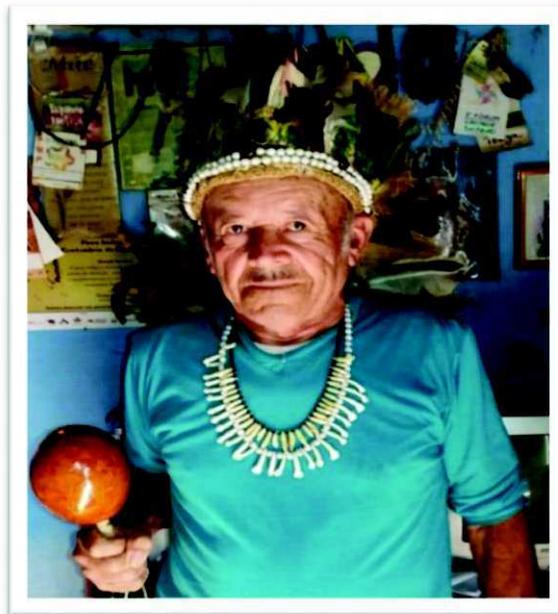
Sendo assim, a narrativa biográfica permite estruturar a história e trajetória de vida dos *guardiões da memória* da aldeia Fernandes. E assim “[...] interpretar os acontecimentos vividos dentro de condições sócio-históricas, ajustando a existência nos marcos social e cultural, sustentando as impressões e interpretações e fazendo as ligações das lembranças com os lugares da memória” (SUCUPIRA E RODRIGUES, 2015, p. 53).

O Cacique Sotero é uma liderança dos índios Kanindé que lutou bastante pelo reconhecimento do povo e se transformou num herói da afirmação étnica. Neste sentido, contribuiu muito para a evolução desta pesquisa, por ser um ator indispensável para a recuperação da memória dos antepassados.

“O cacique Sotero construiu uma narrativa para sua história individual que localiza no bisavô, Manoel Damião, a referência ancestral para a indianidade. Os diversos agrupamentos familiares que se juntaram desde fins do XIX, para formar os atual Kanindé, provêm de lugares variados e ostentam diferentes formas de narrar suas trajetórias.” (GOMES, 2012, p 196).

“Eu, Sotero, me reconheço nos meus antepassados, meus avôs e bisavôs” (Sotero). Com esta fala, destaco a trajetória de vida do Cacique Sotero, sua contribuição para a construção da identidade étnica Kanindé. Ele é o principal líder na afirmação étnica do povo.

**Foto 01-** Cacique Sotero



**Fonte:** Domingas da Silva, 09 de setembro de 2016.

José Maria Pereira dos Santos de 73 anos de idade nasceu na aldeia Fernandes Aratuba-Ce, em quinze de novembro de 1943, descendente da família dos Francisco da etnia Kanindé. Filho de Maria Pereira dos Santos e de Rafayete Francisco dos Santos tem doze irmãos, casou-se com Tereza Pereira dos Santos é pai de cinco filhos e tem catorze netos.

“Eu nasci e criei aqui, já estou com 73 anos. O meu bisavô chamava de Manoel Damiano, a minha avó chamava de Colarina e o vovô Zeca e Isabel, chamava, ela de Rola de Zeca porque ela tinha apelido de Rola, e os meus avós são da aldeia Balança no pé da serra, [...]. Lembro-me muito bem do meu bisavô, me contava a história dele como ele chegou aqui na aldeia Fernandes.” (Cacique Sotero, julho de 2016).

A partir dessa memória, Sotero narra sua própria história de vida e relembra-se da sua trajetória desde quando era criança, seu percurso da vivência com os pais, avós, esposa e filhos bem como a construção do movimento indígena do povo Kanindé. Sotero relata:

“Quando eu era novo, eu andava sempre no mato, para conhecer a nossa história, como índio, que meu avó sempre me contava, e a minha mãe sempre me chamava de índio e eu gostava sempre de andar no mato atirar baladeira matar o passarinho e comer o coração para eu me poder ficar bem acertador dos pássaros. Também eu comia a carne de beija flor que é um passarinho bem pequenino. Isso tudo é uma história que eu vejo dos meus antepassados e eu ouvi muita história do

índio que o meu avô contou pra mim.”(Cacique Sotero, setembro de 2016).

Sotero alegou que começou ajudando os pais a trabalhar no roçado e agricultura, aos 8 anos de idade, a fim de conseguir o alimento para a casa. Também foi desse jeito que os pais viveram dentro da aldeia dos Fernandes. Sotero relata:

“Eu comecei a trabalhar com 8 anos de idade acompanhando o meu pai a minha mãe para ir trabalhar no roçado, a gente saía de casa muito cedo, chegávamos à noite. Lembro-me, que o meu pai sempre me colocava para trabalhar na agricultura carregava coisas pesadas, para poder conseguir o alimento, foi desse jeito que a gente vivia aqui” (Cacique Sotero, setembro de 2016).

Sotero salienta que naquela época não tinha escola dentro da aldeia Fernandes, passava por muita dificuldade para estudar e trabalhar. Por este motivo, não aguentava continuar com o estudo, porque a escola era só em Aratuba. Ele andava 6 km à noite para chegar à escola. Isso fez com que Sotero desistisse de estudar para ajudar o pai no trabalho da agricultura e roçado. Sotero afirma:

“[...] porque antes não tinha escola como tem hoje aqui nos Fernandes, eu me lembro, que a escola era só em Aratuba. Os meus pais me colocava para estudar nessa escola, mas eu não aguento de chegar em casa à noite e andar 6 km para Aratuba. Numa noite escura, eu passava muito por essa dificuldade, também eu era criança com oito e nove anos de idade num podia aguentar fazer isso todos os dias. É por isso que eu num aprendi muito na escola, era difícil pra mim, eu ficava só acompanhando o meu pai para ir trabalhar no roçado e na agricultura”. (Cacique Sotero, setembro de 2016).

Nesse percurso de ajudar os pais a trabalhar no roçado e agricultura, depois de algum tempo, Sotero não tinha saúde boa, passou por várias doenças e até fez seis (06) operações, mas mesmo assim continuava a resistir, ajudando os pais a trabalharem para poder manter o sustento da família. Sotero:

“[...] a minha trajetória antes não foi nada bem, tinha uma parte de saúde muito ruim, eu com 14 anos, me queixava de uma doença que eu sentia no estômago e passou por muito tempo que sentia essa doença, depois vem descobrir que era uma ‘ursona’, me operei, até passou e voltou de novo, tornei me operar, fiz (06) seis operações me operei duas vezes de urso no estômago, me operei de ‘oresica’ no fígado, me operei de uma ‘maroima’ e uma operação de vista, com tudo essa doença que eu tenho sempre eu trabalhava no roçado ajudando os meus pais e dar de comer para os filhos, isso é a minha vivência quando eu era mais novo.” (Cacique Sotero, setembro de 2016).

Sotero viveu toda sua infância e adolescência ajudando os pais a trabalharem. Após um tempo, com 25 anos de idade, resolveu assumir sua própria vida e tratou

casamento com Tereza Pereira dos Santos, da família Soares, da aldeia Fernandes, filha da Raimunda e de Luís Soares. “[...] Alguns desses núcleos familiares, ao casarem entre os Francisco-Bernardo, foram incorporados à família (caso dos Soares e dos Pequeno)” (GOMES, 2012, p.197). Sendo assim, começou a mistura do casamento entre as famílias na aldeia Fernandes.

**Foto 02-** Cacique Sotero, com a esposa Teresa Pereira dos Santos.



**Fonte:** Domingas da Silva, 09 de setembro de 2016.

“[...] quando eu tinha 25 anos de idade, eu resolvi me casar com Tereza Pereira dos Santos em 1966, ela é da família Soares, mas nós somos misturados e casamos entre as famílias aqui nessa aldeia dos Fernandes, graças a Deus foi bem a minha vivência com a minha família. Quando a gente iam-se casar ela era mais nova com 14 anos, tiram 04 anos de mim para completar na idade dela para agente podíamos casar isso aconteceu comigo, porque no cartório existia esse tipo de coisa de tirar a idade do marido para completar da esposa. Assim quando nos se casamos, começamos a trabalhar junto no roçado e na agricultura”. (Cacique Sotero, setembro de 2016).

Neste sentido, Sotero continuava com sua vivência, trabalhando no roçado e na agricultura junto com a esposa e os filhos, mas não podia falar nada sobre índio, devido à história que os avôs contavam para ele que o branco matava o índio, “aqui a gente não podia falar na história do índio e sempre calava e não contava nada para ninguém da nossa história e eu vivia assim calado” (Sotero).

Passaram-se muitos anos, durante os quais o Sotero ficou calado, sem falar nada da história indígena. Entretanto, um dia Sotero recebeu um convite da Maria Amélia<sup>6</sup> em meados de 1995, para uma reunião indígena da Missão Tremembé<sup>7</sup> em Maracanaú e o Sotero e o Cícero foram a essa reunião indígena, passaram três dias lá. Foi a primeira viagem que o Sotero fez fora da aldeia Fernandes, Sotero afirma:

“[...] passando um tempo, eu me recebi uma carta da Maria Amélia, que mandava para mim e arrumar outra pessoa em 1995, que aconteceu essa reunião, nós fomos eu e o meu irmão Cícero, fui eu quem criou essa coragem de falar da nossa história e a nossa trajetória como índios aqui na aldeia Fernandes e contar a história da minha família como eles chegaram aqui nessa comunidade, que a minha avó e o meu bisavô contava para mim que ele veio de Mombaça, correndo das secas de 1877 e 1915, perambulando assim passando de uma fazenda para outro, até chegar nessa aldeia. Por isso que o meu bisavô e o meu avô era daqui dessa comunidade e faz parte também da região Canindé na aldeia de Gameleira, isso foi a primeira viagem minha que eu fiz fora dessa aldeia.” (Cacique Sotero, setembro de 2016).

Após a reunião indígena, Sotero e o irmão Cícero voltaram para comunidade e convocaram uma reunião do povo Kanindé, esclareceram para todo mundo, que foram reconhecidos como índios e podiam falar na história indígena. Esta reunião foi a primeira que abriu as portas às várias reuniões na aldeia Fernandes. Sotero:

“[...] depois da reunião da missão Tremembé, quando nós voltamos chamei a reunião aqui na comunidade, contei para o povo na aldeia que somos reconhecidos e agora nós podemos falar a nossa história. Isso aí, foi à primeira reunião nossa aqui dentro da aldeia que eu fiz aqui, começou a crescer a coragem o povo estar-se lembrando da história que os antepassados contavam naquele tempo e daí que a gente começou com a nossa história indígena, e a minha avó sempre me contava a história de como era a outra aldeia Gameleira no sertão de Canindé e me contou tudo como era as coisas no passado.” (Cacique Sotero, setembro de 2016).

Sotero assumiu a função ‘Cacique’ no ano 1995, devido à primeira reunião indígena em Maracanaú da Missão Tremembé. A partir daí é que o povo começou a acreditar no movimento indígena e também na história dos antepassados. Nesta ocasião, Sotero mostrou grande desempenho na comunidade, na construção do Museu, como na organização do povo e permitiu uma grande união entre as famílias, tendo assumido assim o cargo de Cacique. Sotero relata:

<sup>6</sup> Maria Amélia Leite, Secretária Geral da Missão Tremembé.

<sup>7</sup> A ASSOCIACAO MISSAO TREMEMBE é uma Associação Privada de Fortaleza - CE fundada em 10/11/1995. Sua atividade principal é Atividades De Associações De Defesa De Direitos Sociais. disponível em:

[http://www.econodata.com.br/lista\\_empresas/CEARA/FORTALEZA/A/00902259000128-ASSOCIACAO-MISSAO-TREMEMBE](http://www.econodata.com.br/lista_empresas/CEARA/FORTALEZA/A/00902259000128-ASSOCIACAO-MISSAO-TREMEMBE) 07 de Fevereiro de 2017

“[...] o povo me deu essa função através da reunião que eu participei em Maracanaú no ano 1995, que a gente se reunia contando a nossa história para os outros povos das outras aldeias indígenas, e quando estava bem avançando a nossa história e reuniões dos índios e os povos estão se acreditando no que a gente estão falando e aí que me sortearam para ser Cacique e o Maciel para ser o Pajé. Aí houve uma reunião aqui na aldeia e agente resolveu fazer uma eleiçãozinha para ver se a comunidade concordava para eu ser Cacique e o povo me escolheu para ser Cacique e o Maciel para ser Pajé. (Cacique Sotero, setembro de 2016)<sup>8</sup>.

Nesta caminhada, após a eleição, Sotero começou a trabalhar e lutar pelo o povo Kanindé, “a partir daí que eu comecei a exercer a função do Cacique, fiz a primeira capacitação e arrumei as minhas coisas todinho para assumir essa função de Cacique, porque é uma responsabilidade para mim” (Sotero).

Ser Cacique é ter o principal desempenho da comunidade, ser responsável pela comunicação entre o povo Kanindé e as outras aldeias indígenas no Brasil. Segundo Alexandre Gomes “[...] tem a função de sair da aldeia, ‘trazer dedicação’, mediar contato com outros povos e órgãos, levar e trazer notícias” (GOMES, 2012, p. 218). Sotero relata:

“A minha função como Cacique; é de responsabilizar as informações do índio dentro da aldeia, fui eu quem leva a informação de nós índios para reuniões lá fora e pega as informações das reuniões das outras aldeias indígenas e traz para comunidade e depois chamei todos os membros aqui para reunir e passar a informação. Isso é a minha vivência aqui dentro dessa aldeia com o povo Kanindé, vivi assim como uma liderança nas reuniões e convívio com as outras aldeias indígenas como o responsável de comunicação e foi essa função que eu faço como Cacique. E também eu me trabalho nos projetos indígenas, eu era trabalhador da agricultura e roçado”. (Cacique Sotero, setembro de 2016).

Já passaram um bom período de tempo em que o Sotero estava cumprindo esta função de Cacique – desde 1995 até hoje – Sotero nos contou que não podia mais continuar com esse cargo devido a sua idade. Como também tinha que trabalhar na agricultura e no roçado, escolheu o filho, Suzenilson para ser capacitado para Cacique da aldeia e agora Suzenilson está viajando para outras aldeias para ajudar o pai nesse trabalho. Hoje é ele quem se responsabiliza pelo cargo do Cacique e está aguardando a escolha do povo. Sotero é uma “referência local para identidade étnica, Sotero vem participando ativamente nas instâncias de organização do movimento indígena no Ceará,

---

<sup>8</sup> Entrevista com Cacique Sotero, realizado por Domingas da Silva na aldeia Fernandes, em 09 de setembro de 2016.

compondo atualmente a vice-coordenação geral da COPICE”<sup>9</sup>. (VIEIRA NETO, 2009, p. 97). O Cacique Sotero tem grande importância para grupo e também se mostra como uma grande referência na luta indígena, e na organização étnica.

“Hoje eu já estou me tornando velho, eu num podia mais trabalhar na agricultura e roçado, num estou mais viajando, como eu fazia antes para levar a informação para outras aldeias, vou deixar esse cargo para o meu filho Zusanalson da Silva Santos agora já está sendo capacitado, está viajando bem e está fazendo as coisas bem, tem a escola, sabe ler e sabe dar a história do índio eu creio que ele vai ser, um Cacique mais inteligente porque tem a escola, sabe as coisas do branco e sabe lutar para o povo dessa aldeia.” (Cacique Sotero, setembro de 2016).

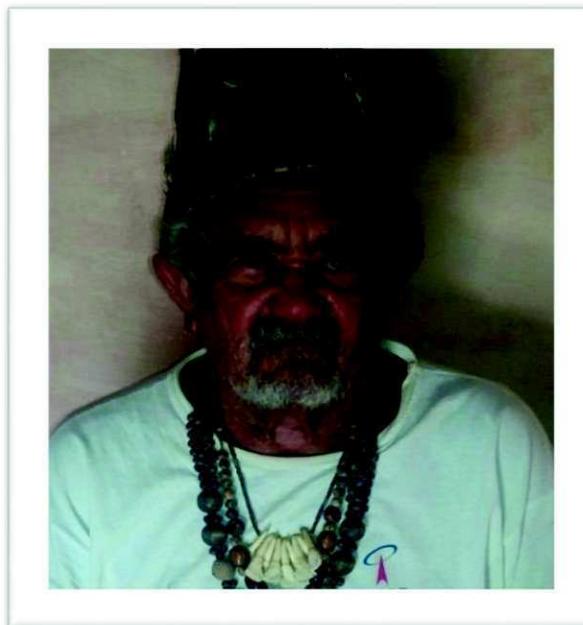
Na trajetória do Sotero, identificamos suas principais contribuições para o povo Kanindé. Começou com o trabalho de roçado e agricultura, que são as partes principais da sustentabilidade da família. Por outro lado, participou ativamente no reconhecimento do povo e na recuperação da memória dos antepassados e vem sendo uma liderança exemplar na afirmação étnica do povo, que levou adiante o nome dos Kanindé, para serem reconhecidos a partir de suas liberdades (e que hoje prosperam dentro da aldeia) e se tornou um líder ancestral para os índios Kanindé. Portanto, nesta lógica, Sotero vem a ser um exemplo na aldeia para o resgate da memória para as gerações futuras. Outro assim manifesta a sua contribuição dentro da comunidade dos Fernandes e alega a impossibilidade de continuar lutando e guiando o povo devido a sua idade (fase da velhice), mas promete deixar a semente para o filho Zusanalson, que está sendo monitorado para ser Cacique.

## **1.2 MANUEL CONSTANTINO DE SOUSA MACIEL (PAJÉ MACIEL)**

Constantino de Sousa Maciel, de 84 anos de idade, nasceu na aldeia Fernandes, Aratuba-Ce, no dia seis do mês de março de 1932, descendente da família dos Francisco da etnia Kanindé. Filho de Francisca Maria da Conceição e de José Constantino de Sousa tem duas irmãs, casou-se com Julia Maria Felipe dos Santos, pai de 11 filhos, com muitos netos e bisnetos.

---

<sup>9</sup>Coordenação das Organizações dos povos Indígenas no Ceará.

**Foto 03- Pajé Maciel**

**Fonte:** Domingas da Silva, 09 de setembro de 2016.

No dia dez do mês de setembro, sábado, seguindo a orientação da filha do Cícero<sup>10</sup>, Franza dos Santos, subimos a serra, andando 5 kg à procura da casa do Pajé Maciel, que se encontrava na serra dos Fernandes. Eu gostaria muito de localizar o Pajé para uma entrevista<sup>11</sup>, sobre sua trajetória de vida. No caso, a caminhada foi cansativa, pois o Pajé mora distante da família, mas ainda assim a casa se localiza na mesma aldeia dos Fernandes. Após chegarmos, às duas horas da tarde encontramos com o pajé deitado na rede, cumprimentou-nos e fomos convidados a tomar café. Em seguida, falei ao pajé sobre o objetivo da minha pesquisa, que é trabalhar com a trajetória dos *guardiões da memória* da aldeia Fernandes. Ele me agradeceu e me convidou para sentar na sala, com meu caderno de anotação e celular Samsung Duos, para gravar suas palavras. A partir daí o pajé começou a contar a sua trajetória de vida.

“Eu nasci no dia 6 de março do ano 1932, a minha mãe chama de Francisca Maria da Conceição e o meu pai chama de José Constantino de Sousa, eu nasci aqui na aldeia Fernandes e me criei aqui junto com

---

<sup>10</sup> Ele é um líder, na aldeia dos Kanindé, que contribuí muito na recuperação da memória dos antepassados para esta pesquisa. Falaremos sobre ele adiante.

<sup>11</sup> “A entrevista é um processo de interação social, na qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado”. (BRANDENBURG, 2015, p. 18).

os parentes aqui nessa comunidade nos somos todos de uma só família e nós já estamos misturados e tudo é uma coisa só, eu sou da família Francisco que está misturado com família dos Bernardo e formou essa única família.” (Pajé Maciel, setembro de 2016).

Maciel começou com a história da mistura, todavia, fez uma crítica ao pai, por não ter lhe colocado o nome de Francisco dos Santos, que representa a família dos Francisco e Bernardo, em vez de Sousa Maciel. O Pajé afirma:

“[...] eu sou dos Francisco dos Santos, mas o meu pai botou Constantino de Sousa, num sei explicar porque que o meu pai me botaram esse apelido de “Sousa Maciel” e num sei por que ele vem ter esse apelido, se aqui tudo é da família Francisco e Bernardo, eu sempre tenho essa dúvida na minha cabeça sobre esse apelido.” (Pajé Maciel, setembro de 2016).

Maciel, entre três e quatro anos de idade perdeu a mãe e ficou vivendo com o pai, a avó e mais duas irmãs. Na época, o pai passava por dificuldades para cuidar do Pajé, uma vez que trabalhava no roçado e passava dias ou semanas para voltar para casa. Sendo assim, o Pajé passava fome, sem nada para comer em casa com a avó e por tudo isso, o Pajé chorava muito, passava por dificuldades vivendo com a avó. O Pajé relata:

“[...] quando eu era criança já com três e quatro anos de idade a minha mãe pegou a doença de sarampo e faleceu aqui na comunidade, e o meu pai ficou comigo aqui lutando comigo para conseguir o alimento, eu passava fome e chorava muito aqui, o meu pai sempre ia trabalhar no roçado, e me deixou em casa sozinho eu e a minha avó, às vezes passava semana, para chegar em casa, eu sofria tanto com isso por perder a minha mãe tão cedo.” (Pajé, setembro de 2016).

Nesta situação, o Pajé contou para nós que passou muito tempo vivendo na casa das famílias, pois o pai não tinha condições de cuidar dele por causa do trabalho. Por este motivo a madrinha do Pajé pediu-lhe para ir viver junto na mesma aldeia dos Fernandes. O Pajé Maciel conta:

“[...] um dia a minha madrinha chegou aqui na casa da minha avó e me viu chorando e perguntou o que eu estava chorando a minha avó respondeu que ‘eu estou com fome’, depois a minha madrinha saiu já correndo para casa da vizinha pedindo leite e comida para me dar, quando o meu pai chega em casa a minha madrinha me pediu para ela me levar para casa dela o meu pai deixou me ir embora com ela, mas mesmo aqui na aldeia, eu fiquei assim nesta situação, hoje na casa do fulano e amanhã na casa da fulana, só porque o meu pai e a minha avó não podiam comigo aqui porque eu era criança e num sei trabalhar.”(Pajé, setembro de 2016).

Nesta altura, o pai do Pajé veio a se casar com outra mulher na aldeia, da família dos Francisco, a fim de cuidar do filho. Na verdade, a madrasta não dava atenção ao Pajé e batia muito nele. Chegou um momento em que o Pajé atingiu 8 anos de idade, o pai começou a levá-lo para trabalhar no roçado e agricultura. Pajé relata:

“[...] depois o meu pai arrumou o casamento com a família aqui na aldeia a minha madrasta me batia muito porque o meu pai trabalhava demorava muito para chegar em casa, eu passava por muitos sofrimentos, assim quando eu me comecei a entender com 08 anos de idade o meu pai começou me levar para trabalhar no roçado , mas Deus sempre me protegia, assim todos os dias eu sempre fui com meu pai para ir trabalhar no roçado e agricultura.” (Pajé, setembro de 2016).

O roçado, ou seja, a agricultura é uma tradição herdada nas gerações do povo Kanindé, pois, que é um ponto que não pode ser esquecido na história de vida dos *guardiões da memória*. “O roçado se constitui como um espaço de construção da memória familiar, no aprendizado que se dá como um convívio na mata” (GOMES, 2012, p. 203). Porém, identificamos que, roçado e agricultura, é uma construção que mantém a sustentabilidade do povo Kanindé e sua principal perspectiva econômica.

Ao longo da narrativa, Pajé expressa sua dificuldade de trabalhar no roçado tão cedo e nem podia aprender na escola, pois não havia escola dentro do sítio Fernandes. Ao mesmo tempo, lamentou sua vida, por não sabe ler e escrever. Mas, mesmo assim, o pai sempre passava a noite com ele, contava a história da família, do índio e como são as coisas dentro da aldeia, segundo Brandenburg, “transmitem os costumes de gerações para gerações por meio da oralidade”, também pela forma das práticas e tanto das vivências do povo dentro da aldeia. (BRANDENBURG, 2015, p. 38). Pajé afirma:

“O meu pai me botou para trabalhar no roçado, porque naquele tempo não existia a escola aqui dentro dessa aldeia, eu num sabe ler e nem escrever, meu pai sempre me contava a história do índio à noite, quando eu me comecei a entender com 10 anos de idade, ele me diz que existia índio aqui nos Fernandes, os índios não era descoberta e nós não podemos falar, se nós falamos o homem branco vai nos matar, só esse conhecimento que o meu pai passava para mim e hoje eu sei trabalhar e contar a história do índio dessa aldeia dos Fernandes.” (Pajé Maciel, setembro de 2016).

O Pajé levou a vida toda trabalhando no roçado e neste percurso chegou o momento, aos 25 anos de idade, em que resolveu casar com Julia Maria Felipe dos Santos, neta da Colarina (Rola de Zeca), avó do Sotero, da família Izabel, mas no total é

uma família só<sup>12</sup>, que compõe a aldeia dos Fernandes e então Pajé contou que a mulher era mais nova, e também passou pela regra do cartório, de tirar da idade do marido e completar na da mulher, para poder realizar o casamento. Pajé relata:

“Eu com 25 anos de idade, eu casei com a neta da Colarina (Rola de Zeca), Julia Maria Felipe dos Santos, quando agente iam se casar foi tirado seis anos na minha idade para completar na idade dela, foi desse jeito que nos casamos, nós temos 11 filhos, duas mulher e nove homens, a minha mulher pertence à família Isabel, a mesma família da que, e somos uma família só, porque nos todos somos misturados, o casamento é só entre as famílias, depois do casamento, eu e a minha esposa, comecemos trabalhar junto no roçado e agricultura.” (Pajé Maciel, setembro de 2012).

Na conversa com Pajé Maciel pude observar a contribuição da mulher no trabalho de roçado, uma vez que assume um papel importante na ajuda aos trabalhos do marido. Assim vemos que a maior parte das mulheres que vivem dentro da aldeia participam ativamente na realização do trabalho de campo junto com marido, ou seja, com a família. O povo Kanindé, tinha uma herança coletiva herdada dos antepassados, que não permitiam às famílias a separação no trabalho, com isso, trabalham sempre juntos na aldeia e assim construíam uma memória coletiva do povo na realização da tarefa.

Realmente a história, assim como a coletividade, vem sempre em costumes herdados pelos antepassados, em junção de uma única cultura, família ou parentesco, que se centraliza dentro um determinado espaço ou aldeia, com o mesmo objetivo de vida e crenças.

Deste modo, a narrativa do Pajé permite uma reflexão vivida em costume adquirido com pai. Podemos constatar este fato, quando Pajé relata sua contribuição para a preservação da cultura indígena: “quando eu era jovem, o meu pai me dizia para ficar calado, eu também fiquei calado e não contar para ninguém que somos índios, para não ficarmos mortos nessa aldeia, é melhor preservar a cultura, e eu mesmo contribuía para esta preservação”. (Pajé Maciel).

Durante muito tempo o Pajé estava trabalhando com a mulher no roçado, para ganhar dinheiro e manter a economia da casa, quando um dia recebeu um recado do Cacique Sotero, que contou para ele que havia uma reunião dos índios na aldeia e nesta reunião o Cacique iria convidá-lo para ser “Pajé”. Pajé relata:

---

<sup>12</sup>“que é usado para referir-se também à população da aldeia Gameleira”, (GOMES, 2012, p. 209).

“Passando algum tempo, que a gente não falavam nada sobre a história dos índios. Um dia o Cacique recebeu uma carta em 1995, da Maria Amélia, lá da Missão Tremembé em Maracanaú que contou que tinha uma reunião lá dos índios da que do Ceará, o Cacique foi para essa reunião ele e mais irmão dele que é o Cícero, um dia dessa Cacique chegou aqui chamando todas as pessoas daqui para reunião dos índios, eu fui para lá, a reunião era aqui em baixo, antes da reunião o Cacique me chamou e falou para mim, ‘senhor Maciel, você pode ficar com Cacique ou Pajé? Ou se você quisesse ser Cacique pode ser eu vou ser o Pajé’ eu fico assim! Depois ele me, respondeu não Maciel ser Pajé e ficar dentro da aldeia responsabilizar dos índios lutando aqui dentro da aldeia, o Cacique é pela parte da informação quem sai busca informação nas outras aldeias, para depois trazer para dentro, eu me respondia ele assim, como é que vou ficar com Cacique se eu num sabe ler? Eu fico como Pajé aqui dentro dessa aldeia, Cacique me diz, está bem senhor Maciel você fica como Pajé eu fico como Cacique.” (Pajé Maciel, setembro de 2016).

Foi a partir desse momento que o Pajé começou a lutar pelos índios Kanindé na organização do povo, assumindo a função de Pajé, após o Sotero tê-lo escolhido para ser Cacique. O povo acreditou nas coisas dos índios e na tradição dos antepassados. Pajé, além de ser trabalhador do roçado, foi também o grande líder na construção do artesanato. Pajé relata:

“A nossa luta começou assim, depois que nós fomos reconhecido, eu me trabalhava muito nessa aldeia, o meu trabalho aqui por além de eu trabalhava no roçado, também eu trabalhava de artesanato, fazia colher de pau, fazia mala, cama, e fazia tudo que é de artesanato, eu era muito trabalhador aqui, e foi nesse jeito de trabalhar que eu perdi olhos aqui, eu sofria muito com isso, perder olhos, mas mesmo assim nunca me desistia de trabalhar.” (Pajé Maciel, setembro de 2016).

Neste sentido, depois da eleição para a escolha do Cacique, Pajé passou a assumir a função de trabalhar na aldeia, na parte de medicamento tradicional e reza, com isso muitos acreditavam no Pajé como rezador e outros não, mesmo assim Pajé sempre praticava suas funções junto àqueles que recorriam a ele e sempre estava disponível. Pajé relata:

“[...] depois a gente fizeram a eleiçãozinha de escolher Cacique, então foi desse jeito que eu me começava trabalhar como Pajé, aí comecei, a gente sempre passava aqui na comunidade perguntando se eu sou rezador, eu disse que sim, muitos não acreditavam em mim, mas eu sempre digo a minha verdade, quem me achou que acha quem não me achou, mas a minha verdade eu digo.” (Pajé Maciel, setembro de 2016).

O Pajé desempenhou um papel importante no tocante à sua função e, além disso a função do Pajé era dividida entre os povos, pelo fato da comunidade sempre permanecer em coletividade, os trabalhos eram uma obrigação de todos os participantes da cultura, que os desempenhavam trabalhando em conjunto dentro da aldeia. Pajé relata:

“[...] a minha função aqui como Pajé é de representar a comunidade por parte de medicamento do mato, eu me trabalhava com plantas medicinais, quando alguém de família nossa estava com febre, fui eu quem vá, no mato cortava uma caixa aviesa trazer para a família que está com febre, se precisava também de uma catigueira eu sempre fui ao mato tirar e trazer aldeia e tudo tipo de medicamento que a gente precisava dele foi eu quem responsabiliza de ir ao mato para tirar e trazer, eu sempre estou ligado com a casinha de pau no mato buscar o remédio ai para agente. Eu sempre cortava essa planta para o lado que o sol nasceu. Também eu digo que essa função não era só minha, porque todos nós que estão dentro dessa aldeia a gente trabalha sempre junto, buscar remédio no mato e fazer outros trabalhos tudo era em coletivo, nada de separação.” (Pajé Maciel, Setembro de 2016).

Em outras palavras, o Pajé explicou sua contribuição como líder principal da realização dos eventos sagrados, como a dança toré, entre outros rituais, sendo ele o representante na abertura do evento, para depois seguir em conjunto. Pajé afirma:

“A outra parte do meu trabalho como Pajé, é que a gente trabalha em conjunto, mas minha função era só para representar depois nós fizemos tudo em conjunto, ai quando houver uma festa aqui dentro da aldeia, no momento da dança toré, sempre me chamaram para representar e dar o início ao ritual assim que eu ganhei o nome do Pajé e estou nesse meio do mundo e assim que eu fui me escolhido para ser pajé.” (Pajé Maciel, setembro de 2016).

No final da conversa, o Pajé lamentou muito sua trajetória de vida, desde quando era criança trabalhando na aldeia no roçado e hoje Pajé contou que não podia mais continuar praticando essa tarefa, a idade já estava bem avançada, por conta disso, faz uma capacitação para os jovens e mostra-lhes tudo, como vão trabalhar amanhã para serem bons líderes e continuar a tradição dos velhos e permanecer na aldeia. Pajé afirma:

“[...] hoje não estou aguentando trabalhar na aldeia, já estou com 81 anos de idade, e essa idade não me permitia mais trabalhar, eu trabalhei muito desde quando eu era criança aqui nessa comunidade ajudando meu pai, a minha esposa e os e os meus filhos, tudo isso é para conseguir o sustento da casa, eu carregava muitas coisas pesadas hoje não estou mais aguentando esse trabalho pesado que eu fizesse antigamente. Não aguento mais assumir esse cargo de Pajé, e não

posso mais andar no mato. Mas eu ensinei tudo isso para os meninos agora eles andam sozinho para tirar o remédio no mato e eles já sabem como é que eu fazia essas coisas.” (Pajé Maciel, setembro de 2016).

Ao finalizar a entrevista, o Pajé deixou suas últimas considerações para os jovens que vão atuar hoje na luta dos índios, na organização da aldeia e na construção da memória coletiva, Pajé ainda, apelou aos jovens para não deixarem escapar essa cultura dos antepassados e manterem sempre a tradição cultural e a coletividade dentro da comunidade indígena dos Kanindé. Pajé relata:

“[...] eu lutei bastante para essa aldeia e hoje já estou escapando, quero que os nossos filhos continuem com essa luta, porque a nossa terra, é a terra de um povo unido e nunca nós separamos da família. Eu tenho duas irmãs tudo já morreu fiquei sozinho aqui com a minha esposa e os meus filhos espalhados aqui na Aratuba, por isso que eu apelo que eles continuaram com essa cultura e tradição dos antepassados para não deixar escapar, também eu fico alegre com colégio que está ensinando os nossos filhos as coisas do índio isso já é um bom sinal de manter com essa memória dos nossos antepassados.” (Pajé Maciel, setembro de 2016).

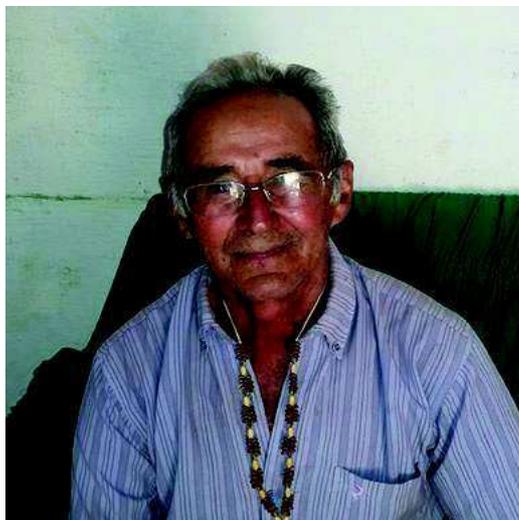
Diante dessa história, concluímos que o Pajé teve uma trajetória difícil no passado, referente à sua infância, à perda da mãe, dos olhos durante o trabalho no roçado e agricultura, por não conseguir estudar e viveu numa situação triste e sem nenhum tipo de cuidado. Mas, mesmo assim, o Pajé conseguiu resistir à sua infância. Também podemos afirmar que ele é um líder exemplar que contribuiu muito para a organização do povo Kanindé, bem como para sua preservação da morte, ao ficar calado. Por outro lado, vem participando do trabalho da cura e medicação para tratar do povo Kanindé, realiza o trabalho de artesanato e participa da dança toré dentro da aldeia. Com tudo isso, o Pajé passou a ser uma liderança quanto à ancestralidade, perante a coletividade dos índios Kanindé. Hoje em dia, Pajé não pode mais trabalhar e se encontra no estado do seu envelhecimento, sem força para continuar a lutar, tendo deixado essa batalha para os mais jovens.

### **1.3. FRANCISCO BERNARDO DA SILVA (SINHÔ)**

Francisco Bernardo da Silva Sinhô, de 77 anos de idade, nasceu na aldeia Gameleira no sertão de Canindé a 08 de dezembro de 1939, descendente da família Bernardo, da etnia Kanindé. Filho de Maria Pereira da Conceição (Freitas) e de Bernardo da Silva,

tem 16 irmãos, casado com Maria Estela Bernardo da Silva, pai de 11 filhos, muitos netos e 16 bisnetos.

**Foto 03-** Francisco Bernardo da Silva (Sinhô)



**Fonte:** Domingas da Silva, 09 de setembro de 2016.

Sinhô é um líder ancestral dos índios Kanindé, que deu sua importante dinâmica à evolução desta pesquisa, contribuindo para a recuperação da memória e história contada por antepassados e também relatando sua própria trajetória de vida.

Na entrevista Sinhô se permitiu relatar todos os fatos do passado e do presente de sua vida. No momento da entrevista, Sinhô, chamou sua esposa Estela que estava na cozinha para ouvir sua história de vida. Foi desse jeito que eu tive oportunidade de conhecer a trajetória de vida do Sinhô, para enriquecer o meu trabalho de conclusão de curso (TCC). Sinhô relata:

“Eu nasci no sertão de Canindé serra de Gameleira passei um ano lá depois de nascimento, a minha mãe me trouxe aqui na aldeia dos Fernandes, porque ela me deu criação pela minha tia, Colarina Bernardo dos Santos, e o meu pai de criação chama de Chico Francisco dos Santos, mas a minha própria mãe chama de Maria Pereira da Conceição conhecida por Freitas e o meu pai chama Bernardo da Silva, todos são do Sertão de Canindé da aldeia Gameleira, mas é mesma família da aqui nos Fernandes, eu nasci no dia 08 de Dezembro de 1939, na aldeia Gameleira, estou com 77 anos de idade, sou da família Bernardo e Freitas. Aqui nos Fernandes tem a família Francisco e Bernardo e também essa família gera até no sertão Canindé da aldeia Gameleira, onde eu me nasci.” (Sinhô Bernardo, setembro de 2016).

Na trajetória do Sinhô, vemos que ele não viveu com os pais, ainda criança com um ano de idade, foi dado para criação à tia Colarina Bernardo dos Santos, bisavó do Sotero, que casou com Chico Francisco dos Santos, da família dos Francisco e foi desse jeito que o Sinhô chegou à aldeia Fernandes, onde se encontra até os dias de hoje. Sinhô teve uma vida tranquila desde sua infância, sempre foi bem tratado pelos pais de criação. Sinhô relata:

“Quando eu cheguei aqui na mão da minha tia, ela cuidava muito bem de mim, não tenho nada a dizer sobre ela e meu pai de criação, naquele tempo a gente viviam bem de mais aqui dentro da nossa casa, com muita comida e tudo, eu sempre distinguia ela como se fosse minha própria mãe.” (Sinhô, setembro de 2016).

Com o decorrer do tempo, Sinhô crescia muito e já se encontrava maduro para ajudar os pais de criação nos trabalhos de roçado e agricultura, porque não havia escola para estudar, a única maneira era trabalhar no roçado, para poder manter a sustentabilidade da casa, pois na época não existia nenhum outro trabalho a não ser o do roçado e agricultura. Sinhô conta:

“Eu me comecei trabalhar com 08 anos de idade, porque na época não tinha escola os pais é obrigado de me levar para trabalhar no roçado, e também naquela época não tinha o melhor emprego aqui tudo é uma luta de trabalhar no roçado para conseguir o alimento. Eu trabalhava no roçado e também na agricultura eu sou agricultor, aprendi trabalhar na agricultura com o meu pai e a minha mãe de criação.” (Sinhô, setembro de 2016).

Durante esse tempo de trabalho no roçado e agricultura, Sinhô também passou por essa situação, de não ter oportunidade de aprender melhor, pois a escola ficava distante da aldeia. Por isso passava todo o tempo ajudando os pais a trabalhar no roçado. Isso fez com que o Sinhô não tivesse escolaridade.

“Eu me lembro de que aqui na comunidade dos Fernandes não tinha escola para nós estudar eu andava de pé, quando eu saía de ajudar os meus pais trabalhar no roçado, à noite quando chegava em casa, tomei banho e mudei de roupa, eu andava 6km daqui para Aratuba só para poder aprender, eu nem fiz muito tempo, não aguentava mais essa caminhada acabei me por desistir, é por isso que eu não aprendi nada na escola, eu me passei tudo por esse sacrifício. Continuei a minha caminhada ajudando os meus pais trabalhar na agricultura e no roçado.” (Sinhô, setembro de 2016).

A narrativa do Sinhô trouxe um pouco de luz sobre como são as relações entre as famílias dos Francisco, Bernardo e as outras famílias existentes dentro da aldeia dos Fernandes. Destaca-se o relato do casamento dos tios da família Bernardo, que chegaram à aldeia dos Fernandes em 1915 e se casaram com os parentes da família dos Francisco que por sua vez estavam na aldeia desde a época de 1874 e começou a história do casamento entre Bernardo e Francisco, Sinhô relata:

“[...] eu tenho meu tio e a minha tia, que vieram morar aqui nos Fernandes, mas antes da chegada dos Bernardos aqui no ano 1915, havia a família Francisco desde 1874, aí a minha tia de criação veio se casar com a família Francisco, e o meu tio também casou uma mulher aqui da família Francisco e aí começou com a história de casamento entre a família Bernardo e Francisco e hoje essa duas famílias misturou tudo aqui. A família Francisco e Bernardo é bem grande. Colarina Bernardo da Silva minha mãe de criação que é bisavó do Sotero e o Cícero, eu sou irmão de criação do pai da Zenilda esposa do Cícero, Raimundo Bernardo da Silva e o meu tio Aprijo Bernardo da Silva que casou com Joana Francisco dos Santos, O meu pai de criação chama Chico Francisco dos Santos, irmão da Joana Francisco dos Santos. Foram desse jeito que começaram a mistura de casamento entre os primos e primas, da família Bernardo e Francisco.” (Sinhô, setembro de 2016).

Nesta continuidade, Sinhô veio a se casar com Maria Estela Bernardo da Silva, irmã da esposa do Cacique Sotero, Teresa da Silva dos Santos, da família Soares, mesma família da comunidade Fernandes.

**Foto 04-** Sinhô, com a esposa Maria Estela Bernardo da Silva.



**Foto:** Domingas da Silva, 09 de setembro de 2016.

Sinhô, após o casamento, foi morar junto com a Estela perto da casa onde ele se criou e passaram a trabalhar juntos no roçado e na agricultura, para manter a economia da casa. Durante o casamento tiveram doze filhos, faleceu um e ficaram onze filhos, todos estão casados e espalhados dentro da cidade Aratuba e na aldeia Fernandes.

“[...] depois que eu arrumei o casamento com a Estela minha esposa, eu me decidi criar a minha própria família, saí na casa dos meus pais de criação e fomos morar na outra casa perto onde eu criei, eu e a minha esposa começamos trabalhar junto no roçado procuramos os nossos alimentos caminhamos juntos e nós temos tinha doze filhos, um faleceu e ficamos com onze filhos, tenho mitos netos que eu num sei contar e 16 bisnetos e hoje os meus filhos espalharam tudo eu fiquei sozinho com a minha esposa Estela vivendo aqui.” (Sinhô).

Chegamos à parte que o Sinhô contou sobre sua função. Eram 13h:10 minutos, nos deram uma pausa para almoçar a comida preparada pela esposa Estela, a comida estava uma delícia, no momento de almoço, a Estela estava curiosa para saber se eu estava gostando da comida, realmente o frango assado estava delicioso, o arroz ótimo, acompanhado de verdura, feijão e cuscuz, a comida estava apetitosa. Após o almoço retornamos à sala para continuarmos a nossa entrevista. Foi então que o Sinhô terminou de contar a sua trajetória de vida com sua função na comunidade dos Fernandes.

Segundo Sinhô nos contou, começou a trabalhar na coletividade dos índios após a reunião do Cacique com o povo na aldeia, na qual falou sobre a liberdade dos índios no Ceará. A partir daí as lideranças começaram a assumir suas funções no trabalho para o bem da cultura e também na luta pela terra. Sinhô relata:

“O tempo passou nós ficávamos sem falar da nossa história, que os nossos antepassados contavam tanto para nós, o tempo passou o senhor Cacique Sotero e o Cícero que é os meus primos eles foram por uma reunião lá em Maracanaú no ano 1995 quando voltaram dessa reunião e contaram para nós que podíamos falar da nossa cultura contar a nossa história para as pessoas de fora, assim nós começamos com a organização da comunidade de falar para os outros que nós somos índios, foi assim que eu comecei a luta dentro desse coletivo dos Kanindé.” (Sinhô, setembro de 2016).

Neste sentido o Sinhô começou a dar suas contribuições, na luta pelo bem da população indígena da aldeia Fernandes e da outra aldeia Gameleira no sertão de Canindé, que ficou com os outros parentes da etnia Kanindé. Durante sua atividade, o índio Sinhô participou de todas as organizações da comunidade, como o trabalho do

museu, a luta pelo posto de saúde, pela ‘escola especializada’<sup>13</sup>, a luta pela terra desapropriada pelo INCRA<sup>14</sup>, participando das reuniões indígenas na comunidade, entre outras lutas. Sinhô afirma:

“[...] eu me comecei fazendo parte de toda organização, como no trabalho do museu, ajudei bastante na construção de objetos do museu, na luta para nós ter a escola para os nossos filhos, porque nós não tínhamos a leitura, fiz parte da luta para ter o posto de saúde, porque na época nós não tinha o posto de saúde, eu sempre ajudei lutando para ter tudo aqui nessa comunidade, eu faço parte de tudo aqui. Essa reunião nos ajudou muito, a partir dessa reunião que nós já começamos, a saber, o que nós íamos fazer dentro dessa comunidade, eu sempre participei nas reuniões dos índios aqui na aldeia, eu lutei bastante pelo bem dessa nossa comunidade e participei em várias lutas do povo da aldeia Fernandes e Gameleira e ainda continuei fazendo parte na luta dos índios nessa comunidade.” (Sinhô, setembro de 2016).

Ao fim dessa entrevista, Sinhô deixou suas últimas considerações, aos filhos e participantes da cultura indígena da aldeia Fernandes e da aldeia Gameleira, afirmando que:

“[...] a minha família com certeza até hoje nós somos unidos, tudo que a gente fez nós fizemos em conjunto, por isso que eu apelo a aos meus filhos que continuaram com essa união, de fortalecimento dos laços de parentesco nessa aldeia, que eles não deixaram perder essa cultura e tradição dos mais velhos, por isso esse meu apelo não é só para os meus filhos, mas sim para todos nós líderes que estão aqui, que começamos a ensinar esses jovens no que vão fazer amanhã para não deixarem essa aldeia, eu estou feliz com esse colégio porque ele vai nos ajudar os nossos filhos saberem mais dos nossos antepassados e continuaram com essa coletividade” (Sinhô, setembro de 2016).

A trajetória narrada pelo Sinhô ajuda-nos compreender sua importância na coletividade dos índios Kanindé, compondo a parte principal do trabalho de resgate e na participação de todas as atividades feitas dentro da aldeia. Em outras palavras, desempenhou um papel importante na luta pela construção da ‘escola especializada’, posto de saúde, na junção das peças do museu e também lutou bastante pela recuperação da terra demarcada pelo INCRA. Sinhô, por ser uma liderança ativa na luta dos índios Kanindé, também alegou sua impossibilidade na perda das forças de continuar lutando,

---

<sup>13</sup> Escola especializada é uma categoria usada por mim, que remete ao olhar como pesquisadora de fora do contexto em que realizou a pesquisa, ou seja, do contexto de comunicação que partiu da constituição de 1988.

<sup>14</sup> Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

por motivo da sua idade e apostou na aderência dos mais jovens que continuarão como índios a dar prosseguimento às tarefas dos mais velhos.

#### 1.4. CÍCERO PEREIRA DOS SANTOS

Cícero Pereira dos Santos, de 64 anos de idade, nasceu na aldeia Fernandes em 08 de agosto de 1952. Filho de Maria Pereira dos Santos e de Rafayete Francisco dos Santos, descendente da família dos Francisco da etnia Kanindé, irmão biológico do Cacique Sotero, casado com a prima Zenilda Gomes dos Santos, pai de 06 filhos, três homens e três mulheres, avô de nove netos e um bisneto.

**Foto 05-** Cícero Pereira dos Santos



**Fonte:** Domingas da Silva, 31 de outubro de 2015.

Em 09 de setembro de 2016, deixei a cidade de Acarape para Aratuba, aldeia Fernandes, com a intenção de realizar a entrevista com os *guardiões de memória*, neste sentido, a primeira entrevista foi agendada com Cícero, a qual não deu certo, porque Cícero tinha viajado para Fortaleza e sua filha me avisou que voltaria só à noite. A minha intenção era de voltar domingo após fechar a entrevista, primeiramente me decepcionei, fiquei pensando, será que o Cícero chega antes que eu saia da aldeia? Que decepção, pensei que ele seria o primeiro, porque vou ficar na casa dele até voltar!

Sendo assim, resolvi começar a entrevista com Francisco Bernardo da Silva e Cacique Sotero, para fechar o dia. Ao anoitecer, estava ansiosa de ver o Cícero chegando da viagem, mas infelizmente voltou tarde e eu não aguentei esperar, fui dormir na casa da filha Franza dos Santos. O dia amanheceu, 10 de setembro, Cícero, acordou cedo para uma reunião no sertão de Canindé e infelizmente ficamos assim nesse desencontro e ele acabou de ficar por último para fechar essa rodada de entrevistas.

No mesmo dia, 10 de setembro de 2016, o Cícero chegou da reunião à noite, foi para a casa da filha Franza, ao lado da casa dele, onde eu estava hospedada. Eram 18h:10 minutos, o Cícero foi direto para a sala de jantar, encontrou comigo sentada na mesa transcrevendo a entrevista, feita com o Pajé Maciel, fiquei alegre em ver o Cícero, após o jantar conversamos sobre a entrevista e o senhor Cícero começou a contar sobre sua trajetória de vida:

“Sou Cícero Pereira dos Santos, tenho 64 anos, a minha mãe chama de Maria Pereira dos Santos e o meu pai chama de Rafayete Francisco dos Santos eu nasci aqui na aldeia Fernandes, me criei no pé da serra de Balança juntos com meus avós quando eu cresci subi para serra de novo aqui na aldeia Fernandes, eu me nasci no dia 08 de Agosto de 1952, a minha família é dos Francisco” (Cícero Pereira, setembro de 2016).

Cícero começou sua narrativa fazendo a apresentação de sua família, avós e avôs, composto por parte da mãe e por parte do pai, também falou sobre o casamento de mistura entre famílias que estão se gerando na aldeia até os dias de hoje Cícero:

“A minha avó chama de Carolina rola de Zeca e o meu avô chama de Jose pereira Zeca, essa aí foi por parte da minha mãe e por parte do meu pai o meu avô chama de Francisco dos Santos e a minha avó chama de Colarina Bernarda da Silva e todos nós nessa aldeia nós fomos se casar com os parentes e até agora esse tipo de casamento continuou nessa aldeia porque tudo é uma família só” (Cícero Pereira, setembro de 2016).

Neste sentido, Cícero contou para nós que, quando era criança, trabalhava junto com os pais e irmãos e nunca existia a separação de trabalhos entre a família, todos eles se juntavam para trabalhar no roçado, cortavam lenha na mata, pescavam e ajudavam os pais sempre no que precisavam. Segundo Cícero:

“O meu pai tinha 17 filhos morreu 05 e nós ficamos 12, agente trabalhávamos sempre junto no roçado, todo mundo iam por roçado ajudar o nosso pai trabalhar e agente iam sempre pescar, eu sempre fui ao mato buscar lenha par dar a minha mãe preparar a comida para nós comer, caçar e nós irmãos sempre íamos juntos para fazer essas coisas tudo, e o nosso pai acostumou todos os filhos trabalhar junto, eu e meus irmãos agente não tem separação.”(Cícero Pereira, setembro de 2016).

Foi desse jeito que o Cícero viveu sua infância e adolescência. Chegou um momento em que o Cícero estava na época de casamento e decidiu se casar com sua prima Maria Zenilda Gomes dos Santos, dentro da aldeia dos Fernandes e passaram a morar juntos e formaram sua própria família.

**Foto 06-** Maria Zenilda Gomes dos Santos, esposa de Cícero Pereira dos Santos.



**Fonte:** Domingas da Silva, 10 de setembro de 2016.

“Eu antes ajudava os meus pais a trabalhar, mas quando arrumei o casamento com a minha prima, Maria Zenilda Gomes dos Santos, resolvi sair na casa dos meus pais, para viver junto com a minha esposa, e nós já temos 45 anos de casado tenho seis filhos, três homens e três mulheres sou avó de nove netos e um bisneto.” (Cícero Pereira, Setembro/2016).

Depois o Cícero, juntamente com a esposa Zenilda, passou a trabalhar no roçado e na agricultura, para manter a sustentabilidade dos filhos, vivenciando assim um casamento feliz com a esposa e os filhos todos unidos.

“Desde que eu casei com a minha esposa passamos a trabalhar junto, eu me trabalho na agricultura, cultivo milho, feijão, fava, banana, também eu trabalho no roçado e gosto de caçar no mato, para conseguir os alimentos para os meus filhos, graças a Deus, tenho um casamento feliz com a minha mulher nós trabalhávamos juntos, agente se dão bem demais no nosso casamento. A minha mulher tem 62 anos ela nasceu aqui nos Fernandes e mora aqui até agora e nos moramos juntos aqui com os nossos filhos ninguém separou. Eu e a minha mulher agente vivia bem demais e nos temos uma família muito boa e os meus filhos são muito amigos e eles nunca separem dos outros eu acho bem a minha família, e também eu acho bem a minha vida aqui.” (Cícero Pereira, setembro de 2016).

Cícero na sua narrativa alegou que a comunidade não tinha liberdade de falar nas suas histórias como indígenas para outro grupo social, segundo os relatos de seus pais e avós, sobre as perseguições dos brancos, que matavam índios. Neste sentido, chegou um momento em que o irmão Cacique Sotero recebeu uma carta da Missão Tremembé para uma reunião em Maracanaú, em 1995 e Cícero também foi convidado pelo irmão Sotero a participar nessa reunião, a partir daí os Kanindé passaram a se identificar como índios. Cícero relata:

“O que o meu avô me contou e que ele sempre dizia que eu sou índio, mas eu não podia falar de nada sobre o índio se não vou morrer, e eu me fiquei obedecendo aos meus pais e o meu avô, sempre eu calei e não disse nada para ninguém, e no ano de 1995 que eu e o Sotero nós fomos uma reunião em Maracanaú reunião do índio daí que nós somos reconhecido, eu também naquela época já me entendia tudo sobre a nossa história e a nossa cultura e como era os meus avós naquela época o meu pai e a minha mãe, me contava sempre.” (Cícero Pereira, setembro de 2016).

Foi assim que Cícero começou fazendo parte da luta pela organização indígena, também a partir daí os Kanindé começaram suas lutas pela terra, demarcada pela INCRA após o reconhecimento dos índios em 1995. Cícero Pereira alegou que: “[...] e depois que nós voltamos da reunião aí começou a luta indígena, e a partir daí que eu comecei fazendo parte da organização, eu sempre lutei para essa aldeia, quando INCRA tirou uma parte da nossa terra, agente lutaram muito aqui para recuperar essa terra”.

A partir deste momento que Cícero, começou a exercer suas funções na comunidade, ajudar no trabalho de resgate da memória para as novas gerações, permanecer junto com as crianças na escola e participar nas reuniões da comunidade e na luta indígena. Cícero conta:

“[...] aqui dentro da comunidade, o meu trabalho aqui, sou presidente de associação indígena, e até agora estou exercendo essa função os meus trabalhos de agricultura e até agora estou me aguentando trabalhar estou com saúde e estou me aguentando fazer os meus trabalhos que eu faço desde quando eu era criança, e dentro da associação indígena eu me trabalho com crianças, e com jovens fazendo as pesquisas junto com as crianças, sempre estou na sala de aula acompanhando eles e passando o meus conhecimentos isso foi sempre o meu trabalho aqui dentro da aldeia, lutando fazendo parte dos movimentos indígenas tanto dentro da comunidade como por fora, também eu me viajo muito para outras aldeias trocando as ideias com outros índios e estou vivendo assim nesta batalha até agora”. (Cícero Pereira, setembro de 2016).

No final da entrevista Cícero deixou sua última fala para a continuação da cultura indígena e a luta pela terra, segundo ele, alegou que ainda está vivo com saúde para lutar até o fim e também apelou para que a comunidade continue com essa força e união para lutar pela terra, porque sem a terra vai morrer a cultura e a tradição indígena dos povos Kanindé. Cícero afirma:

“Todos que estão aqui dentro dessa comunidade, nós somos unidos em família para lutar para nossa causa aqui e nos vamos continuar ter essa paciências com as coisas que vem acontecendo aqui e nos sempre temos a vontade de cuidar da natureza e preservar a memória dos antepassados, e agora um dos problemas que nós temos aqui é de demarcação da terra nas aldeias indígenas, nos preservamos a terra porque sem terra não tem nada, a terra é tudo para nós, eu gosto muito de trabalhar, gostei de lutar para o nosso bem e eu ainda estou aguentando a luta e fazer tudo que os nossos antepassados faziam antes eu estou continuando a lutar e fazer os meus trabalhos aqui nessa comunidade, e a luta continua.” (Cícero Pereira, setembro de 2016).

Cícero, por ser uma liderança jovem, pode ser identificado por sua maior dinâmica na recuperação da memória dos antepassados e no rapasse do conhecimento para as gerações novas (jovens). Isso se deve também a ele ser um líder corajoso, se dispondo a participar da primeira reunião dos índios no Ceará, a convite do irmão Sotero. De fato, verificamos na sua trajetória uma forte união com a família, no sentido

do trabalho coletivo. Por último, Cícero mostrou ainda sua força e saúde para continuar a lutar pelos índios Kanindé.

Compondo a trajetória dos *guardiões da memória* da aldeia Fernandes, percebemos a importância da memória na capacidade humana, em termos da retenção dos fatos do passado para a transmissão para as novas gerações, bem como a capacidade de falar sobre as suas próprias vivências e experiências individuais.

Em outras palavras, os *guardiões da memória* podem ser pensados como indivíduos que retêm informações, em geral os mais velhos (membros de um grupo social) e que são responsáveis pelo repasse do conhecimento para as novas gerações, através das suas experiências e vivências. Nessa transmissão do conhecimento para as novas gerações do seu grupo social, todos os fatos das convivências são retidos para manter a sobrevivência do grupo e também a preservação das suas tradições. Por outro lado, *guardiões da memória* é uma construção das lembranças dos mais velhos na recuperação de acontecimentos dos fatos históricos, vivenciados por cada indivíduo em um determinado espaço de socialização.

Na trajetória de vida contada pelos *guardiões da memória* da aldeia Fernandes, verificamos as partes em comum no modo de suas vivências. Assim, a primeira se encontra no trabalho de roçado e agricultura, que se apresentam como centrais para a economia dos índios Kanindé. Por outro lado, verificamos a maior contribuição dos filhos na ajuda de trabalho aos pais e também a participação ativa das mulheres no trabalho de roçado e agricultura, que constitui a maior parte de socialização das famílias. Igualmente identificamos a importância do casamento entre as famílias como um fator indispensável para a progressão do povo. Sendo assim, os *guardiões da memória* contribuíram para a preservação da cultura indígena, no modo de ficar calado enquanto foi necessário por segurança e posteriormente no desempenho de funções ligadas à preservação da tradição, que é um fator de extrema importância da tradição, à fortificação da união coletiva e afirmação étnica do povo.

## CAPÍTULO 02. NARRATIVAS SOBRE A IDENTIDADE ÉTNICA

Neste capítulo, prometemos ter muito cuidado e atenção na forma de entender as narrativas dos (interlocutores) *guardiões da memória* e também na compreensão das falas, a partir de indagações. Como é que eles contam a história? O que eles chamam de cultura? E que conceitos utilizam? Essa percepção nos ajuda a acentuar as narrativas no contexto histórico e sua conexão com a coletividade e a memória dos antepassados. Com o objetivo de conhecer a identidade étnica do povo Kanindé, escolhemos percorrer as experiências e vivências dos mais velhos, os *guardiões da memória*, a partir de seus discursos. Um dos resultados foi o de apresentar neste capítulo alguns temas importantes para a convivência dos antepassados e dos *guardiões da memória*, selecionados de acordo com os acontecimentos marcantes nas lembranças na coletividade do povo Kanindé. Neste sentido, para chegarmos a este objetivo, recolhemos dados de entrevistas realizadas com os *guardiões da memória*, da aldeia Fernandes, através do trabalho de campo, convivências e experiências adquiridas com os índios Kanindé durante as visitas realizadas.

Os Kanindé são povos indígenas localizados na aldeia Fernandes Aratuba-Ce, associados a culturas e tradições herdadas pelos antepassados. Ser Kanindé, conforme foi apresentado pelos entrevistados, é estar sempre recuperando o passado, aceitando suas raízes, continuando com a história e tradição dos antepassados, preservando a cultura e repassando-a para as novas gerações.

Tenho como ponto de partida a história narrada pelos *guardiões da memória* da aldeia Fernandes a partir dos relatos orais, da pesquisa de campo e de um primeiro exercício de etnografia. Segundo Gomes “[...] estas narrativas estão conectadas a categorias nativas que organizam o sentido de ser indígena Kanindé, o modo como significam a sua etnicidade através de atos, condutas e, no passado rerepresentando suas lembranças” (GOMES, 2012, p. 195). Sotero referiu-se ao momento da entrevista do seguinte modo: “[...] para mim esta pesquisa é um algo muito importante que faz a gente lembrar-se da memória e cada vez que vocês fazem uma pergunta, a gente fica lembrando-se de mais coisas que compõem a nossa história”.

“Memória é uma construção do presente a partir de aquisições do passado e preponderância da lembrança pode influenciar na seleção do que ficará registrado na memória, assim como as representações, significações e simbolizações dão contorno às nuances e às formas de como as lembranças ficarão gravadas”. (SUCUPIRA e RODRIGUES, 2015, p. 46),

cacique Sotero, manifestou a importância da pesquisa no momento da entrevista na aldeia dos Fernandes, na recuperação da memória dos antepassados. Para ele, essa pesquisa é a fonte da referência que facilita a lembrança histórica contada pelos avós aos pais, e os pais para os filhos e netos. Essa memória contada pelos antepassados gerou a organização social e cultural dos kanindé.

“A relação com a memória é uma importante variável na construção social das identidades étnicas, vivida de forma única em cada caso. Os mecanismos para a reelaboração do passado se materializam na existência de algumas categorias nativas, nas narrativas e elas relacionadas e nos significados atribuídos aos objetos-documentos musealizados.” (GOMES, 2012, p. 195).

“Algumas narrativas importantes acerca do passado foram construídas e difundidas a partir de ordenações de sentidos construídos pelo olhar de Cacique Sotero para a trajetória coletiva do seu povo” (GOMES, 2012, p. 197). Segundo Gomes, Sotero proporciona ao pesquisador uma história narrada, através da memória dos antepassados que impulsiona um vasto conhecimento histórico, na sua relação com o passado, uma vez que esse conhecimento é narrado a partir de uma longa experiência da história que foi repassada pelo avô para sua mãe que contava para ele. Diante da pergunta ‘o que é ser índio?’, Sotero afirma:

“A história que eu vou contar é tudo aquilo que eu já sei e aprendi dentro da história da nossa comunidade. O que o meu avô contava para minha mãe que era mais inteligente na história indígena, é que a minha mãe pegava a história que o meu avô contava para ela, e foi desse jeito que nós sabemos da nossa história que a nossa mãe contava tanto para a gente.” (Cacique Sotero, julho de 2016).

De acordo com a fala do Sotero acima, podemos identificar que, ser Kanindé é viver sempre no repasse de conhecimento para as novas gerações e participar da cultura e tradição dos antepassados. Em outras palavras, verificamos neste trecho, o sentido de ser indígena Kanindé, que é viver sempre no coletivo, participar ativamente na luta pela terra e também na conservação da natureza.

Inspirando-nos no trabalho de Alexandre Gomes, esta pesquisa visa revitalizar “[...] a história contada pelos pais, migrações pelo sertão até a serra, as secas de 1877 e 1915 os Francisco e Bernardo, a criação da MK entre fatos conectados” (GOMES, 2012, p. 197). Sendo assim, trazemos adiante, neste capítulo, os principais temas vividos pelas lideranças, que são: 1) história de deslocamento de 1877 e 1915; 2)

coletividade; 3) importância da terra para índios Kanindé; 4) celebrações e dança; 5) ligações com antepassados e gerações novas e; 6) relações externas. Esperamos que a construção destes subitens trouxesse uma maior compreensão para a maneira de entender o que é ser índio Kanindé.

## 2.1. HISTÓRIA DE DESLOCAMENTO

“E na confluência de várias histórias provindas de trajetórias distintas que se referem à ancestralidade indígena que entendemos a sociogênese do povo Kanindé, na qual memórias de experiências de grupos sociais e étnicos do sertão e da serra se misturam à própria história regional, de município de (Aratuba, Canindé, Baturité e Quixeramobim) e povoados (Fernandes, Gameleira, Coquinho, Caipora), de populações em constante deslocamento, conflitos, transformações.” (GOMES, 2012, p. 197).

Os Kanindé sofreram um longo processo de migrações forçadas, em busca do lugar de sobrevivência, que “segundo tradição oral, vieram migrando por conta das secas e invasões de suas terras por posseiros criadores de gado, da região do município de Mombaça” (VIEIRA NETO, 2009, p.93). Estas viagens foram vistas pelos antepassados como uma maneira forçosa de se afastar dos fazendeiros, brancos considerados como exploradores dos nativos naquela época. Cícero:

“Os nossos antepassados vieram aqui não porque eles querem, mas foi por individualismo, porque os brancos apertaram a agente para criar o gado nós negamos e nem de comer carne de boi, porque boi veio só para explorar os índios, porque o índio é considerado como não trabalhador, mas o índio é trabalhador, o índio não gosta de dar o seu suor a ninguém e tudo que nós faz e produzimos é para nós comer com a família, nós viemos fugindo de criador de gado e depois por uma seca, caçar olho de água, caçar praia e tinham tudo no mato que os índios podiam sobreviver é por isso que nós viemos para cá através de criador de gado.” (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016)<sup>15</sup>.

Segundo João Paulo Vieira Neto, o povo Kanindé fez as viagens saindo de Mombaça por Quixadá, nas margens do rio Curo que fica entre o rio de Quixeramobim e Banabuiú antes de encontrar o sítio Fernandes e a Serra de Baturité. E passaram pela serra de Gameleira no município (Canindé) onde habitam outros grupos e parentes Kanindé que assumiu a identidade indígena nos anos de 1990 (VIEIRA NETO, 2009. P. 93). Cacique Sotero esclarece:

---

<sup>15</sup> Entrevista com Cícero Pereira dos Santos, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 16 de julho de 2016.

“Mas o meu bisavó contava o meu avó que ele veio de Mombaça por Quixadá passou o tempo lá, depois para Quixeramobim e Banabuiú, e veio para cima das serras o meu bisavó ele apoiou aqui em cima lá perto tem olho de água que nunca secou e eles se optam ficar lá porque tinham água vem se afastando das secas e caçando onde tinham água, e ele se apoiou de lá e gerou essa família e não saiu mais daqui.” (Cacique Sotero julho de 2016) <sup>16</sup>.

Sendo assim, verificamos que para os Kanindé havia dois motivos que proporcionaram esses deslocamentos, sendo o primeiro, a fuga dos fazendeiros (brancos) criadores de gado e a outra, a seca. Nesse sentido, o que os levou a sair foi a busca de alimentos e natureza para a melhor sobrevivência e a fuga para se livrarem dos fazendeiros (brancos).

“As nossas viagens foi por duas partes, uma parte foi por causa da seca e a outra parte pela questão do branco, (fazendeiros) criadores do gado, e sempre agente falavam do branco porque se prosperavam naquele lugar os brancos aceitavam e paravam pouco tempo deixaram heranças, as cachoeiras, as matas que agente gostaram sempre de conservar e nós saímos indo para outro lugar e chagávamos no outro fazendeiro, é porque a gente não gosta de ser criador de gado, nós temos uma história muito bonito que é da mesma família, e o nosso amigo que já morreu, contou para nós como é que a gente sofreu, se prosperando naquele canto, a gente não aceitavam ser criador de gado e saíamos para outro canto. E são duas passagens em 1877 e 1915, para cá são de seca e dos antepassados que vieram se prosperando, os criadores de gado jogavam agente para fora e agente tinham que sair mesmo.” (Cacique Sotero Julho de 2016).

Por longas viagens de distanciamento dos fazendeiros criadores de gado e das secas de 1877 os Kanindé chegaram à aldeia Fernandes em 1915, o local para onde foi realizada a última viagem das famílias que compunham o povo. Isso proporcionou manterem uma forte ligação de parentesco entre as duas comunidades nas duas localidades no município de Canindé (serra de Gameleira), também conhecida como serra de Pindá e em Aratuba no sítio Fernandes. (VIEIRA NETO, 2009).

“Essa é uma história e faz parte também da serra de Gameleira neste mesmo grupo de Kanindé é um município não é KA<sup>17</sup> que foi da nossa

<sup>16</sup> Entrevista com Cacique Sotero, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 16 de julho de 2016.

<sup>17</sup> KANINDÉ com (K) é o nome da etnia que representa os bichos de mato, segundo Sotero: ‘porque que são os KANINDÉ?’ ‘Porque vem de um bicho no mato um burro, um cavalo, um boi, ou mesmo uma caça, se ela é preta por cima e uma parte da barriga branca a gente chamava Kanindé, o bicho é um jumento Kanindé, boi Kanindé e uma ‘caça’ que um deles que tem a barriga branca com a parte de cima

origem, mas é uma parte que ficou do mesmo povo, que tem também a nossa escola e mesmo povo no sertão de Canindé.” (Cacique Sotero julho de 2016).

Com esses deslocamentos os Kanindé chegaram à atual moradia, no município de Aratuba-Ce e ao sítio Fernandes, em 1915 e ali já estavam os índios da família Francisco desde 1874, como relata o Cícero:

“Quando nós chegamos aqui os índios já estavam aqui, desde o ano de 1874. Havia a família Francisco. E principalmente em 1915 que chegou uma pessoa da gente da nossa família. Nós vivemos numa ilha que já veio de Gameleira a outra aldeia que deu tudo essa história, porque agente viajou todos esses tempo, fugindo da seca e os índios procurava sempre um lugar onde tinha água e peixe porque os índios sempre viviam dessas coisas do mato”. (Cícero Pereira dos santos, julho de 2016)<sup>18</sup>.

De acordo com a história ‘dos estudos e dos professores’ a chegada dos índios teria se dado em 1860 e 1863, muito embora Cícero afirme que a chegada em 1915 foi central para a fixação dos Kanindé no território, em especial a partir do casamento entre famílias que tornaram a aldeia próspera:

“Os índios chegaram aqui neste território, segundo a história dos estudos e dos nossos professores, a gente aqui naquele tempo, era nos anos 1860-1863 existia a terra, nós chegamos aqui na época de 1915, e ficamos nesse território do maciço de Baturité com a família, a gente ficou aqui centralizada na época de 1915 é mais por questão do casamento”. (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016).

Os Kanindé é um ‘etnônimo’ considerado muito importante na história da tribo dos Janduíns que também foram representantes da resistência do povo no século XVII ao obrigarem o rei de Portugal a assinar o tratado de paz em 1692. Esse tratado foi desconsiderado pelos Portugueses por um lado, o que originou a identificação dos descendentes a serem chamados como Kanindé, e passou a ser uma referência para a história, liderança e ancestralidade. (VIEIRA NETO, 2009).

---

preta e barriga branquicenta e os ‘piasó’ e o meio preta é tudo que nós chamamos de Kanindé com K que é da nossa origem que representa o nome da etnia. Ao passo que CANINDÉ com (C) é o nome da serra de Pindá na aldeia de Gameleira no sertão de Canindé, onde se encontram com os nossos parentes da origem KA que participam na afirmação entica” (Cacique Sotero, julho de 2016).

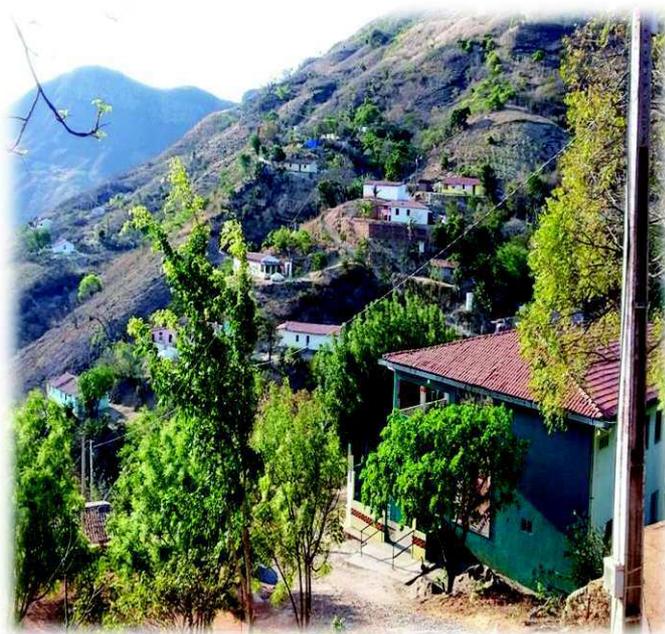
<sup>18</sup> Entrevista com Cícero Pereira dos Santos, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 16 de julho de 2016.

“O nosso primeiro Cacique que tem o nome desse povo com (Ká) “Kanindé” que é da nossa origem. Foi ele quem a liderou, que mudou a lei e levou esse nome da aldeia para negociação e para agente viver uma realidade dessa. E naquele tempo, e dar esse território ali para agente com uma leva de terra, a partir daí os índios começou trabalhar.” (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016).

No fim das viagens e deslocamentos, os Kanindé encontraram sua atual moradia na aldeia Fernandes – que já existia nos anos 1860 e foi reforçada com a chegada do povo em 1915 – onde os nativos viviam muito bem na aldeia, sem nenhum tipo de perseguição por parte de outras pessoas. Ali eles faziam tudo na comunidade: caçavam, cultivavam e até começaram a se organizar politicamente, embora sempre se mantivessem calados, não se afirmando como índios, o que foi uma escolha para preservar a cultura e salvaguardar a vida dos próprios índios.

“Na era de 1860, não existia nenhuma lei da terra que exigia a gente vivia bem de mais, com água, muita comida, com a casinha de taípe e a gente vivia num céu e depois nós se começamos organizar” (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016).

**Foto 07-** Aldeia Fernandes (Aratuba-Ce)



**Fonte:** Domingas da Silva, 10 de setembro de 2016.

## 2.2. COLETIVIDADE E TERRA

A terra é uma natureza coletiva em torno da qual as pessoas criam um pertencimento e origem comuns, tendo os mesmos objetivos e valores culturais. Neste sentido, identificamos que os Kanindé compõem uma sociedade bem definida, no modo de cuidar o patrimônio, as heranças e seus valores em comum. Portanto consideramos a definição do grupo étnico em Kottak: “(...) membros de um grupo étnico partilham crenças, valores, hábitos, costumes e normas, em função de sua origem comum”. (KOTTAK, 2013, p.261). A partir dessa definição, percebemos a possibilidade de definir os Kanindé como um grupo étnico. a partir de seu sentimento comum de parentesco.

De acordo com Ryan no ano 1990, na sua definição das características do grupo étnico: “as características que definem um grupo étnico podem incluir um nome coletivo, as crenças na origem comum, um sentimento de solidariedade e a associação a um território específico”. (*apud* KOTTAK, 2013, p.261). Cícero, relata que:

“A comunidade se realiza tudo em conjunto, para nós a coletividade é um dos fatores que nunca [...] vamos deixar de fazer dentro dessa comunidade, deixar filhos netos e netas separados. A nossa comunidade nunca se manifesta com individualismo. A coletividade é uma das partes bem fortes nas nossas culturas. E depois vem os nossos costumes de trabalhar junto caçar, pescar, e o nosso alimento sempre é natural produzido por nós mesmos na nossa própria aldeia”. (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016).

“No Ceará, a projeção dos grupos indígenas acontece a partir da década de 1980. Através da organização social e da mobilização política, segmentos da população cearense passaram a si afirmar como grupos étnicos indígenas”. (LIMA, 2009, p. 234). Essa afirmação de Lima nos mostra a necessidade de se recuperar a cultura e a tradição dos antepassados e preservar a memória para as futuras gerações.

“[...] tendo também como apoio a constituição Brasileira de 1988, que garante os povos indígenas o direito de vincularem sua alteridade nas terras que tradicionalmente ocupam, estabelecendo respeito por parte de não índios às suas práticas culturais, usos, costumes, crenças, hábitos, línguas e tradições” (CIARLINE, 2009, p. 251).

Quando observo o grupo étnico da aldeia Fernandes, os Kanindé, percebo uma forte união entre os parentes, no modo de viver, em especial, na luta pela terra, que é um

dos momentos centrais de representação coletiva. Em um dos eventos em que fui, a Marcha dos Centenários no dia 20 de novembro de 2015, o grupo étnico mostrou-se unido em torno de valores comuns, na resistência, na luta pelo direito de remarcação de sua terra, na conservação das matas, do Museu, da ‘Escola especializada’ e em todos os valores partilhados pelas famílias. Suzenilson relata:

“[...] coletividade<sup>19</sup> é um fator importante dentro da nossa aldeia, como na luta pela terra para nos morarmos, caçarmos, cultivarmos, e lutarmos pelos direitos de igualdade da população indígena. Tudo que a gente faz é no coletivo, como as tomadas de decisões são supostamente em grupo”. (Zusanilson da Silva Santos, novembro de 2015).

Os Kanindé consideram a terra como um lugar da coletividade e da força para eles: é a melhor mãe, a maior casa, a fonte da vida, de sobrevivência. Sem a terra, não existe ninguém. Esse é o lugar onde eles nasceram. Criar a terra tem uma grande importância na história e na resistência. Cícero:

“A importância da terra para nós é uma vida, porque a terra vai dar feijão, vivências, água e para nós é de grande importância [...] porque tudo está dentro da terra, não há vida sem terra, se não tiver a lua, estrela e sol, vai estar tudo apagado. A terra vai estar morta, acabada e ela é uma das coisas importantes.” (Cacique Sotero, julho de 2016).

A terra para os Kanindé é um lugar sagrado, de preservação da cultura e da tradição. Também é um lugar muito importante para depositar a fé, o fortalecimento da esperança, a sabedoria, a união entre os parentes. A terra traz tudo da natureza, água, comida e tudo mais. Os Kanindé trabalham em conjunto para conservar a terra e manter, com as vivências, o agradecimento ao deus Tupã por trazer tudo da natureza. A mãe terra é de grande importância para o povo. Cícero conta:

“A mãe terra que significa a terra onde nos moramos é tudo que agente concedêramos para preservar a cultura, terra para nos morar, cultivar, caçar e manter a memória e a heranças viva do povo. Sem a terra num há tradição e nem há cultura indígena. Por isso a melhor

---

<sup>19</sup> Na Entrevista com Suzenilson, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 20 de novembro de 2015, no dia da festa de 100 anos da existência do povo, Suzenilson sentiu uma forte alegria na manifestação coletiva, e ficou emocionado com a presença de toda comunidade: “hoje estou muito feliz por nós estarmos aqui reunidos para celebrar esses 100 anos da luta e resistência. (Suzenilson da Silva Santos, novembro de 2015).

forma de preservar a cultura e a vivência é trabalhar para conservar a terra.” (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016)<sup>20</sup>.

Neste sentido, a terra e a coletividade têm uma grande importância na afirmação étnica, na contribuição cultural e na conservação das memórias dos antepassados. Hoje em dia os jovens estão trabalhando para manter a riqueza das matas, o artesanato e outros valores partilhados. Os Kanindé têm uma terra rica, com muitos alimentos, aves, bichos ‘texidernizado’<sup>21</sup> (que foram criados dentro da terra) e todas essas coisas trazem grande alegria para o povo. Sotero relata:

“Aqui na comunidade Fernandes tem muitos bichos de mata texidernizado que significa nasce e cria na terra indígena, por minha própria técnica caseira, além dos couros, artesanato, e principalmente a caça, também temos Maracajá, Camaleão, Peba, mão de Onça, Tejo, Pé-de-Veado nosso artesanato em madeira de imburana.” (Cacique Sotero, junho de 2015)<sup>22</sup>.

Na conversa com Sotero pude observar que a comunidade está muito ligada às matas. De certa forma, os Kanindé mostram uma forte ligação com a natureza, e tudo que eles fazem e produzem é através da terra, por isso que os bichos, animais que criam na área indígena ajudam na sobrevivência e nas suas produções.

Por outro lado, a comunidade tem uma característica de hierarquia bem diferente das outras sociedades, na forma de realização do trabalho, uma vez que a comunidade se apresenta em coletivo. Entre os professores, alunos, diretor da escola, idosos, crianças velhas, jovens, adultos e lideranças, de uma maneira geral, os trabalhos não são uma tarefa individual, mas sim é um dever de toda comunidade, exercer a função em conjunto. Cícero:

“[...] Os jovens antigamente não eram jovens, mas hoje jovens com 15 e 20 anos sentem adultos para trabalhar. Trabalhar sempre juntos no Museu, na escola no roçado os professores, diretor da escola, alunos e merendeira não tem separação e nem diferença trabalham juntos em coletividade, a cultura não é só uma dança, mas sim a dança é um

---

<sup>20</sup> Entrevista com Cícero Pereira dos Santos, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 16 de Julho de 2016.

<sup>21</sup> Texidernizado: significa bichos que se criam e nascem na área indígena, com a própria técnica caseira do cacique Sotero.

<sup>22</sup> Entrevista com cacique Sotero, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 13 de junho de 2015.

instrumento da riqueza e a nossa cultura está no coletivo.” (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016).

Em resumo, a partir das entrevistas feitas com os *guardiões da memória*, percebemos que os Kanindé têm um vínculo de amor muito forte com a terra e natureza, uma vez que, a coletividade faz parte da organização étnica, na manifestação cultural, em ambos os contextos utilizados pelos *guardiões da memória*, “quando fala da terra e natureza é tudo de bom que ela traz para a gente” (Cacique Sotero). Nesta lógica, para os Kanindé a terra e a coletividade são vínculos constantes que prevalecem entre os povos e relevantes como valores comuns preservados.

### 2.3. CELEBRAÇÕES DANÇA E LUTA

Apresentada em um ambiente de celebração, a dança toré faz parte do cotidiano da coletividade dos Kanindé. Na maioria das entrevistas feitas com os *guardiões da memória*, percebe-se que a dança traz uma união coletiva nas manifestações culturais e de luta. Cícero:

“[...] A dança toré é o mais sagrado ritual que representa a nossa comunidade. Nós dançamos toré para dar o início ao momento mais sagrado em qualquer que seja a atividade feita na comunidade. A dança toré é realizada com alunos antes de iniciar as aulas todos os dias, na roda de conversa, nas reuniões da comunidade. Toré é a forma de manter a memória viva dos antepassados, e também fortifica a nossa fé e união.” (Cícero Pereira dos Santos, outubro de 2015)<sup>23</sup>.

Cícero está se referindo à importância da dança para a coletividade dos Kanindé. De acordo com a minha observação, pude identificar que a dança é fundamental para a união entre os parentes, uma vez que ela traz alegria, harmonia e força para lutar e trabalhar.

Os principais momentos da celebração da dança na aldeia Fernandes se encontram nos festejos da comunidade, momento da luta pela terra, como no dia 19 de abril, dia dos índios em que todo mundo se junta em grande harmonia para dançar e festejar essa data importante. “A festa dos índios começa em abril, a dança é o ritual da comemoração dos festejos dos índios e da luta pela terra”. (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016).

---

<sup>23</sup> Entrevista com Cícero Pereira dos Santos, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 31 de outubro de 2015.

Para salientar, o dia 20 de novembro é a data marcante da celebração do aniversário da comunidade. Essa data se refere à chegada das etnias Kanindé na aldeia Fernandes em 1915. Também é o dia em que a comunidade se junta e convida outras pessoas de fora a tomarem parte na comemoração do aniversário, onde acontece a celebração cultural, danças, manifestações e lutas.

“[...] Nós comemoramos a festa de centenário com um ritual, com o nossa mungunzá e todas as histórias que vem do nosso antepassado é por isso que a gente comemorou esses 100 anos, para nós dançar comer e conversar com os nossos visitantes, (...) a dança, ela traz tudo, esse conjunto tanto para nossa fê que a gente tem e tudo que a gente faz é com fê.” (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016).

Outro fato, na comemoração de 100 anos de existência do povo Kanindé, no dia 20 de Novembro de 2015, a família se reúne em uma grande alegria para uma comemoração cultural na aldeia. Nesse dia – que pude participar do evento – observei uma grande harmonia e importância da dança entre os índios Kanindé.

**Foto 08-** Comemoração de 100 anos de existência do povo Kanindé.



**Fonte:** Domingas da Silva, 20 de novembro de 2015.

A dança também inclui a celebração dos festejos de aniversários, nascimentos das crianças, e das festas sagradas da comunidade, em que todo mundo se junta para dançar, festejar e agradecer tudo o que já aconteceu de bom para as famílias.

“A dança para nós é o momento de alegria. Quando nasce uma criança ou está completando aniversário, todos se juntam para agradecer, e tudo aquilo que aconteceu na semana e ano. A dança tem a finalidade de se juntar para brincar” (Cícero Pereira dos Santos, Julho/2016).

A celebração da dança<sup>24</sup>, não se realiza só no momento da alegria, mas sim, está composta para todos os momentos que a família enfrenta. Podemos dizer que os Kanindé também dançam o toré no momento da tristeza, uma vez que a dança fortifica a fé e aumenta a coragem para qualquer que seja o conflito, desgraça que a família possa enfrentar. Cícero relata:

“Também a dança não é um ritual que se faz só no momento da alegria, mas sim no momento da tristeza. Quando a gente vai entrar no momento da luta para defender a nossa mãe terra, o nosso território a dança faz com que nós tivemos a coragem e começar animar para agente entrar na luta. A dança é um instrumento de comemoração tanto para alegria como para tristeza e também quando a gente vai fazer a retomada a primeira coisa que a gente faz é a dança convocando o nosso pai tupã e os nossos antepassados que morreram para nos dar a coragem e seguir por nós”. (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016)<sup>25</sup>.

De acordo com as entrevistas realizadas na aldeia, a dança tem características bem definidas dentre os quais destaco: ajudam o povo no resgate dos antepassados e relação com a natureza; representam a consciência cósmica para a paz; representa o símbolo da resistência indígena que uniu o povo na aldeia; representa a especificidade da cultura e sua histórica. Segundo Cícero, a dança é um ritual realizado na sexta feira de cada mês, em que ocorre uma reunião de fortalecimento coletivo e nos festejos dos santos religiosos. Cícero relata:

“Dança toré se realiza na sexta feira de cada mês com a roda de conversa, festa de São José, festejos de santos como a parte religiosa dança toré foi celebrada em todos os eventos indígenas, dança toré, é o

---

<sup>24</sup> Acontecem nos momentos de festejos, como no dia dos índios 19 de abril, na comemoração do aniversário da comunidade 20 de novembro, no dia dos santos, na sala de aulas, na roda de conversa, no aniversário de nascimento das crianças, no aniversário dos participantes da cultura, entre outros festejos da comunidade. Também no momento de luta pela terra e desespero a dança tem o fim de juntar em coletivo para brincar e pedir a força dos antepassados.

<sup>25</sup> Entrevista com Cícero Pereira dos Santos, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 16 de julho de 2016.

único que agente tinha como rito sagrado dentro da nossa cultura indígena.” (Cícero Pereira dos Santos, outubro de 2015).

Dançar é uma riqueza cultural, que implica a participação dos homens e mulheres da aldeia. Também se refere à comunicação com os antepassados, que sempre estão no meio do povo para pedir o ânimo e ajudar os índios, aumentar a força para entrar na luta. [...] “Os antepassados sempre estiveram com a gente no momento da dança e nós nunca sentimos que na hora da dança não está com a gente, sempre nos acreditamos que estiveram sempre no meio da gente para nos dar a força” (Cícero Pereira dos Santos).

De uma maneira justa, a dança é um ritual sagrado que conta com a participação dos antepassados, do mundo dos ‘encantados’ e em que os seus principais participantes dão o início à celebração e para depois todo mundo se juntar para dançar e prestigiar a resistência do povo. Cícero relata:

“[...] Temos como principais participantes desse momento são: Pajé, Cacique Sotero e pessoas idosas que iniciaram esses momentos, entre elas quase toda a comunidade participa como jovens adultos, professores da escola crianças e a comunidade inteira.”(Cícero Pereira dos Santos, outubro de 2015)<sup>26</sup>.

Identificamos nesse tema a importância da dança no envolvimento e na comunicação entre os índios Kanindé com os antepassados no mundo dos encantados. Também ali se encontra a participação dos mais velhos no ritmo da iniciação, que são a parte sagrada nas tradições indígenas. A dança também tem uma grande significação para a terra, para o respeito, para a alegria e tristeza, no aumento da força e da coragem na luta pela terra.

#### **2.4. LIGAÇÕES COM ANTEPASSADOS E GERAÇÕES NOVAS**

A constituição de 1988 reconheceu a diferença (e existência) dos índios no Brasil como povos com direito à cultura. Partindo desse pressuposto, os Kanindé começaram a estabelecer e solicitar ao Estado brasileiro uma educação específica voltada para o resgate da cultura e tradição dos antepassados, para o fortalecimento da mobilização e organização étnica e manutenção de suas culturas e tradições indígenas.

---

<sup>26</sup> Entrevista com Cícero Pereira dos Santos, realizada por Domingas da Silva no sitio Fernandes, em 31 de outubro de 2015.

Em qualquer que seja a tradição nativa, sempre haverá o termo chamado ‘antepassados’, que acompanha a memória das gerações novas. Essa ligação é sentida como uma energia e pode ser comunicada. Em outras palavras, tem potencial ilimitado que sustenta o nosso mundo. Assim, os Kanindé têm uma memória ligada ao mundo dos antepassados, que vincula o resgate da cultura e tradição velhas que hoje reúnem consolidando uma organização social; que compõe o que podemos chamar de grupo étnico. Sotero relata:

“[...] Para nós essa memória é uma riqueza dos nossos antepassados que guardar a nossa memória, porque nós não podemos acabar, se nós acabamos o pior, vai acontecer, nós estamos aprendendo nas forças que a gente já aprendemos, nós num temos a leitura, mas nós temos memórias dos nossos antepassados.” (Cacique Sotero julho de 2016).

“A existência de gerações passadas que tinham costumes e tradições diferenciadas e que se identificam e se relacionavam como índios” (CIARLINE, 2009, p. 251) são diferentes das gerações novas onde acontecem diferentes formas de capturar a memória e a aprendizagem tradicional e cultural.

Nesta concepção da diferenciação dos antepassados e gerações novas, “a cultura deve ser constantemente gerada pelas experiências por meio das quais se dá o aprendizado” (BARTH, 2005, p. 16).

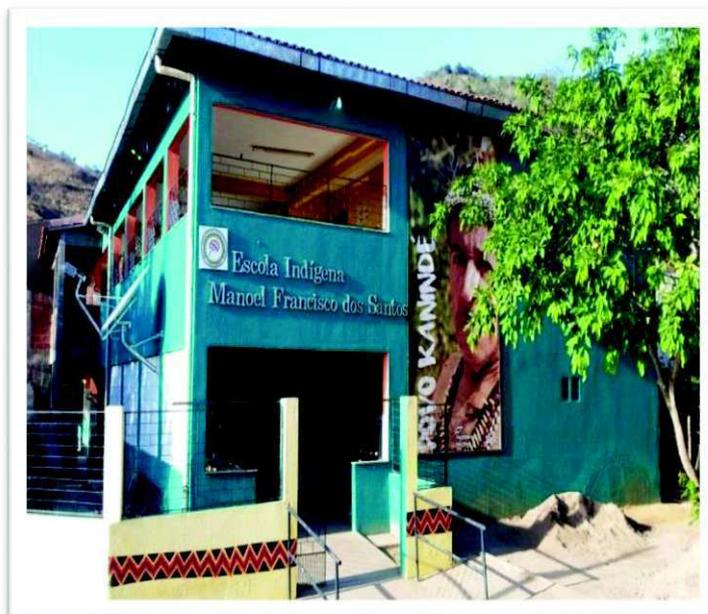
“[...] Mas hoje por causa do estudo, trouxe uma diferença para jovens, mas eles não podem fazer tudo que a gente fazíamos no passado, ir no mato passar uma noite, tirar a experiência do ar, das estrelas, das caças onde elas estão vivendo ganhar a coragem de fazer tudo.” (Cacique Sotero, julho de 2016)<sup>27</sup>.

A ‘escola especializada’ passou a ser um fator importante para ajudar a conservação da memória dos antepassados entre os mais jovens e para a integração da cultura tradicional indígena. “A lei 11.645/2008, incluiu a história e cultura indígenas no currículo escolar e possibilitará o respeito aos povos indígenas e reconhecimento da sócio-diversidade no Brasil”. (SILVA, 2011).

---

<sup>27</sup> Entrevista com Cacique Sotero, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 16 de julho de 2016.

**Foto 09-** Escola Diferenciada, Manoel Francisco dos Santos.



**Fonte:** Domingas da Silva, 09 de setembro de 2016.

E ainda, Sotero:

“[...] Estou satisfeito com o colégio, porque as crianças e jovens estão aprendendo a questão da nossa história de brincar toré quando começa a escola, estudar as experiências da gente, os professores levam os alunos para as casas dos mais velhos para ouvir a história, tudo isso para nós é um prazer é uma força que está dando dentro da nossa comunidade” (Cacique Sotero, julho de 2016).

Entretanto, as gerações novas não podiam assumir totalmente a tradição com a experiência das gerações anteriores, uma vez que a cultura e tradição estão sofrendo transformações, no que diz respeito aos costumes e hábitos que os antepassados tinham na aldeia. Hoje em dia os jovens mostram suas estratégias no resgate da memória e no modo das vivências na aldeia. Segundo o Cacique Sotero, “os índios na história antiga velha eram do mato, viviam nas matas”, mas hoje em dia, verificamos que por causa dos estudos, os jovens não podem passar o tempo no mato, realizar tudo que os antepassados faziam antigamente. Sotero ainda relata:

“Eu não acredito se o mais jovens têm essa coragem, mas eu tenho eu digo que ainda tenho essa coragem de ir nas matas sinto até a vontade de passar tantas horas e vendo tudo que os meus pais e avós viam.

Também sei como é que os meus avós faziam essas coisas porque sou muito curioso. Mas a gente vai continuar as coisas eu quero só que isso fica na nossa memória que nós é daquele jeito e para não deixar se acabar a nossa cultura.” (Cacique Sotero, julho de 2016).

Sendo assim, “[...] a ‘escola especializada’ nasce como processo de terem uma educação voltada e específica para preservar a cultura e memória dos antepassados” (Elenilson Gomes)<sup>28</sup>, os jovens têm uma responsabilidade de assumir a cultura dos antepassados, na elaboração dos trabalhos comunitários, na luta e resistência, na conservação das matas e das riquezas e tradição dos antepassados. Segundo Sotero, “é que nós queremos deixar essa semente para eles, isso é uma da importância que a gente acha”. Cícero, na sua versão relata:

“[...] Nós já se vai escapando, e nós hoje já temos o conhecimento permanente de educação escolar e Museu que foi uma das fontes da nossa história e mostrou o jeito que nós vivemos e cada peça daquela afirma como é que nós já vivíamos, antigamente e hoje já tem professores defende a causa, professores formados que conhece a lei e já podem debater em qualquer outra sociedade e naquele tempo nós se baixávamos a cabeça para não ficarmos morto, mas hoje não, nós vamos lutar até morrer.” (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016)<sup>29</sup>.

O relato acima mostra que os *guardiões da memória*, por questão da idade, não irão mais se responsabilizar pela comunidade, uma vez que, a ‘escola especializada’ tem esse poder de educar as crianças e jovens da comunidade com intuito de saber como lutar e para não deixar morrer essa tradição. Com o direito ao estudo da experiência dos mais velhos poderão se tornar grandes líderes. Outro fato significativo é a educação específica estar intimamente ligada às possibilidades de manutenção das tradições indígenas.

## 2.5. ARTICULAÇÕES EXTERNAS E APOIO À LUTA DOS KANINDÉ.

Voltando ao contexto do Brasil, depois da constituição de 1988 e o direito à diferença cultural dos índios, os Kanindé começaram a se mobilizar e tiveram contato com pessoas de fora. Soubemos que desde os deslocamentos do povo nas secas de 1877 e 1915, havia ocorrido a influência dos fazendeiros (brancos) criadores de gado que

---

<sup>28</sup> Entrevista com Elenilson Gomes dos Santos, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 13 de junho de 2015.

<sup>29</sup> Entrevista com Cícero Pereira dos Santos, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 16 de julho de 2016.

perturbaram muito naquela época. Essa influência levou os Kanindé a encontrarem a atual moradia para a sua sobrevivência, a aldeia Fernandes, e até hoje a etnia permanece no local com sua tradição cultural.

Nos tempos passados, os índios Kanindé viviam numa situação de isolamento, fugindo das perseguições dos “brancos que não querem ver a existência dos índios no Brasil”. Esse processo gerou perdas culturais, a aculturação dos índios, de modo que levaram o grupo étnico a se manter “calado”, para poder salvaguardar suas culturas e tradições. Cacique explica:

“Eu me lembro de que meu avô tinha medo de falar na história indígena, porque dizia que o branco matava o índio. Minha mãe e o meu pai passaram isso pra mim. Até agora o meu pai, já com 80 anos, quando eu saía pros encontros lá fora, dizia: ‘Sotero tem cuidado com isso ai porque o povo matava os índios e vocês tão se declarando os índios, ai eles vão matar. Vocês são índios, mas fiquem calados.’” (Cacique Sotero, grifo meu).

Neste sentido, os Kanindé, sofreram muito com as ameaças dos brancos, mesmo assim, resistiram tanto quanto possível para que suas liberdades fossem mantidas e sua diferença étnica afirmada. Por outro lado, em um tempo anterior negaram serem índios, porque “é importante para nós negar de ser índio se não nós vamos morrer, e nós negamos de serem índios para poder chegar até aqui onde nós estamos hoje por uma forte união”. (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016). Cacique Sotero na sua versão alegou que:

“[...] a gente tinha medo de contar que somos índios, porque passamos por ameaças dos brancos que não querem ver a existência dos índios no Brasil, uma melhor forma de preservar a cultura e livrar do morto é ficar calado né, para que nós possamos manter com herança viva para as novas gerações.” (Cacique Sotero, junho de 2015).

Entretanto, essa estratégia de ficar calado proporcionou a vitória e a liberdade dos índios, alguns anos depois, nas retomadas culturais que foram apropriadas pela Missão Tremembé numa reunião jornalística em Maracanaú em 1995<sup>30</sup>, onde todas as

---

<sup>30</sup> Há muito ainda a se pesquisar sobre o conflito de 1995, que foi a base para reestruturação do povo Kanindé. Este trabalho não teve como objetivo aprofundar sobre a questão fundiária. *Guardiões da memória* é um termo retirado do universo de pesquisa, uma "categoria local". Neste sentido, o trabalho gira em torno de tentar compreender essa categoria a partir das entrevistas com os que são denominados por esse termo.

etnias indígenas do Ceará tiveram o privilégio de levar suas histórias e conhecer a história dos outros:

“Em 1995, que eu recebi uma carta da Maria Amélia que é da missão Tremembé ela trabalha com os índios recebi a carta dela que ela mandou para minha pessoa para eu arrumar outra pessoa para reunião dos índios do Ceará em Maracanaú arrumei o meu irmão Cícero. Quando nós chegamos lá era em cima da serra da Guaiuba a Mugunba era uma reunião indígena que tinham todas as etnias lá, como Tapeba, Kanindé, Jenipapo kanindé, Pitaguary e outras etnias indígenas no Ceará, de lá nós trouxeram, a nossa história e nós ouvimos a historia dos outros e lembramo-nos da nossa história que quando nós éramos crianças, os nossos pais contavam tanto para agente e tivemos coragem e privilégios de conviver com outros grupos e convidar gentes ver se aquilo que a gente contava era mesmo.” (Cacique Sotero, julho de 2016).

Segundo o Cacique Sotero, essa reunião abriu as portas para a “primeira história nossa”, o povo passou a se afirmar e a construir a sua identidade, mostrando-se perante os outros povos como índios. Após a reunião, Sotero chegou à comunidade com tanta alegria de poder contar para o povo que estavam livres para expressar suas histórias para as outras sociedades:

“Eu cacique Sotero, quando nós chegamos da reunião com meu irmão Cícero, chamei todos jovens na comunidade para pensar na evolução dos índios e pensar na nossa cultura para as novas gerações, também fui eu que coletei todos os objetos no Museu que já existia desde era dos nossos antepassados, isso aí vai nos ajudar muito no momento de contar a história dos nossos antepassados.” (Cacique Sotero, junho de 2015)<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Entrevista com Cacique Sotero, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 13 de junho de 2015.

**Foto 10-** Museu Kanindé



**Fonte:** Domingas da Silva, 11 de setembro de 2016.

Após o reconhecimento dos índios no Ceará, Sotero disse que “foi ele quem coletou os objetos, cedeu a casa, organizou o espaço e hoje mantem o museu que recebe os visitantes” (VIEIRA NETO, 2009, p. 92). A partir daí os índios Kanindé começaram a sua mobilização étnica.

“Os povos indígenas no Ceará iniciaram um movimento no sentido de se organizarem e recuperarem o seu espaço a partir de 1982, quando surgiram novos atores sociais que passaram a se organizar em diferentes espaços, como sindicatos, comunidades eclesiais de base, organizações de bairros e entidades representativas de minorias étnicas e de gênero.” (OLIVEIRA JR., 1982 *apud* CIARLINE, 2009, p. 251).

Neste contexto, antes do reconhecimento dos índios no Ceará, o território dos Kanindé era grande e não existia nenhuma influência das outras pessoas, com o decorrer do tempo, “os brancos que vêm lá de fora, chegou aqui começaram a tomar o território de mais fraco e começaram a influenciar a gente” (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016).

“[...] Em 1995, houve uma grande luta juntos aos trabalhadores rurais locais e o terreno foi desapropriado pelo INCRA (Instituto Nacional de colonização e Reforma Agrária). Após querelas na divisão da terra, os Kanindé do sítio Fernandes ficaram com 270 hectares e continuam plantando no sistema de roçado, atividade que mobiliza boa parte da comunidade.” (SILVA, 2007, *apud* VIEIRA NETO, 2009, p. 94).

Pelo motivo de desapropriação da terra pelo INCRA em 1995, os Kanindé travaram uma grande luta pela remarcação de suas terras. Foi esse processo de luta pela terra que gerou muitos contatos com outras entidades brasileiras e também mobilizou laços de solidariedade com outras etnias indígenas do Brasil, com o intuito de lutar pelo direito de diferenciação cultural perante a sociedade brasileira. Cícero afirma:

“[...] nós passamos a viver aqui numa prisão danada, os fundiários querem tomar o nosso território, e tem a luta dos sindicatos e nós tínhamos uma área grande e nos deram somente 270 hectares de terra para essa toda família. Nós chegamos aqui se livrando da morte, da falta de água, e como também por parte de criadores de gado, hoje a gente está dentro de um território que nós estamos lutando.” (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016)<sup>32</sup>.

Na versão do Pajé, esse explicou que INCRA não sabia que existia a aldeia Fernandes. A desapropriação da terra se deu antes do reconhecimento de existirem índios. Isso ocorreu no ano 1995, pela Missão Tremembé. A partir daí o INCRA descobriu a aldeia Fernandes e começaram a ter contato para negociar e dividir a terra e deram só uma parte pequena de 270 hectares para toda família. Pajé Maciel afirma:

“INCRA não sabiam se tem o índio nessa terra. Eles sabiam disso depois que nós fomos reconhecidos no ano 1995. Eles vieram aqui dividir a terra e nós ficamos só com essa parte bem pequenina de 270 hectares da terra. Eles queriam que a gente deixasse essa terra para eles para agricultura e para nós passarmos a trabalhar para eles. Nós negamos isso. A partir daí que nós começamos a lutar pela terra. Eu sempre não acreditei nessa história do Pedro Alves Cabral, que dizia que descobriu o Brasil. Ele não descobriu nada, ele veio só para nos explorar. O Brasil é descoberto pelo índio, porque os nossos antepassados já estavam aqui na terra. Antes que ele chegou aqui, os nossos antepassados viviam bem de mais aqui no mato antes da chegada dele. E naquele tempo num tinha nenhum documento que demonstrava que a terra não é do índio. E foi desse jeito que nós começamos a luta, porque os brancos sempre exploravam a gente, espancar o índio e botar fora da terra.” (Pajé Maciel, setembro de 2016)<sup>33</sup>.

De acordo com Vieira Neto (2009) a reunião indígena de 1995 em Maracanau deu início à luta indígena, na medida em que o povo começou a organização no sentido de mobilização da identidade indígena. Entretanto, a luta indígena enfatizou as grandes

---

<sup>32</sup> Entrevista com Cícero Pereira dos Santos, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 16 de julho de 2016.

<sup>33</sup> Entrevista com Pajé Maciel, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes em 10 de setembro de 2016.

demandas na reelaboração cultural, como por parte da ‘escola especializada’ para os índios, no melhoramento de saúde indígena e na recuperação e reconhecimento das terras indígenas. Neste sentido, as comunidades indígenas, passaram a manter grandes contatos com o Estado, visando a resolução dos problemas dos índios no Brasil.

Na aldeia Fernandes havia grandes dificuldades quanto à saúde, pelo fato de que a comunidade não tinha médicos e nem posto de saúde para atender às necessidades dos nativos. “Na época a gente sofria muito, no momento a gente não tinham doutor aqui, nós encontrava com doutor só em Baturité, na parte de saúde, com certeza a gente passaram por muito sofrimento naquelas épocas” (Francisco Bernardo) <sup>34</sup>.

“Assessorados pela Associação Missão Tremembé (AMIT) no início de emergência étnica, hoje participam ativamente do movimento indígena local possuindo escola diferenciada e acesso à assistência à saúde pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA).” (VIEIRA NETO, 2009, p. 97).

**Foto 11-** Posto de saúde



**Fonte:** Domingas da Silva, 10 de setembro de 2016.

Em relação à saúde, após o reconhecimento dos índios, os Kanindé tiveram contato com a FUNASA, (Fundação Nacional de Saúde), com a fundação do posto de saúde dentro da aldeia Fernandes. Francisco Bernardo (julho de 2016) afirma: “hoje

---

<sup>34</sup> Entrevista com Francisco Bernardo Sinhô, realizada por Domingas da Silva no sítio Fernandes, em 16 de Julho de 2016.

graças a Deus temos posto de saúde, escola diferenciada, tudo isso foi pela nossa luta e união”. Cícero, ainda relata:

“[...] para hoje esses 270 hectares de terra cresceram para mais de 1000 hectares e tanto para ver que nós retomemos pouco a pouco o nosso território, porque o nosso território era bem grande, e agente fez o nosso artesanato, e tudo trabalho que nós fizemos aqui dentro desse território bem grande, [...] a nossa luta valeu demais, nos temos hoje a escola e saúde é graças à luta. Naquele tempo nós éramos pouquinhos, hoje a família está-se crescendo, 1600 pessoas dentro desse território e temos a luta ainda.” (Cícero Pereira dos Santos, julho de 2016).

Os nativos Kanindé viviam em dificuldades, principalmente em relação à saúde e educação ‘escolar especializada’. Hoje podemos afirmar que graças à luta indígena, a comunidade está no seu processo de melhoramento (em relação ao passado), com posto de saúde e ‘escola especializada’, para continuar com suas tradições e repassar o conhecimento para as novas gerações.

## CONCLUSÃO

Esta monografia tem por objetivo analisar a trajetória dos *guardiões da memória* e suas narrativas sobre o que é ser índio Kanindé de Aratuba-Ce. Estes resultados foram possíveis a partir de uma pesquisa que levou em conta as trajetórias de quatro *guardiões da memória* e de entrevistas em que localizamos algumas questões em seus discursos. Nesse sentido, entendemos os *guardiões da memória* como agentes relevantes no processo de afirmação étnica, por sua atuação nas diferentes áreas da comunidade indígena (saúde, relações externas, ensino e conhecimento). Assim, percorri caminhos metodológicos que permitiram destacar a percepção da identidade étnica como o resultado de relações que se moldaram ao longo da história, a partir do contato. Os *guardiões da memória* vistos a partir de sua trajetória e de seus discursos nos ajudam a destacar a relevância de certas tradições de conhecimento para a sociedade brasileira. Pude ver também que essas tradições foram muitas vezes silenciadas e seu povo perseguido, mas ao mesmo tempo abriu-se espaço a partir da Constituição de 1988 para a afirmação étnica, para a exposição de valores e práticas culturais, para o fortalecimento da organização de grupos locais.

Através da trajetória de vida dos *guardiões da memória* e dos discursos sobre a sua identidade étnica, podemos afirmar que os Kanindé são povos que guardam suas lembranças para reconstrução de uma identidade digna e igualitária.

Os *guardiões da memória*, além de terem um papel importante na reconstrução social da cultura e tradição dos antepassados, também podem ser identificados pelos modos de vivências comuns, por sua longa caminhada no trabalho de roçado e agricultura, que foi considerado o principal espaço da sociabilidade do povo para garantia econômica da família. Localizamos também a questão do casamento, que contribui muito para o crescimento da família e para os esforços de luta pela terra.

Os Kanindé demonstraram ser um povo forte, guerreiro, batalhador, que teve uma longa história de lutas e batalhas de migrações forçadas e de fugas dos brancos fazendeiros, à procura de novas terras com abundância de água e um lugar para uma existência tranquila e sem perseguições. Foi nesse processo que se deu a construção de sua identidade étnica e os costumes tradicionais dos mais velhos prevaleceram.

Pai Tupã é o principal herói dos índios Kanindé, que permite trazer tudo de bom para as famílias, comida, água e tudo que eles obtêm da ‘mãe terra’, ele é o detentor da natureza. A terra além de ser um lugar sagrado de convivência e fortalecimento da fé e

união entre os parentes, também é uma fonte de riqueza para a conservação da tradição dos antepassados. Por outro lado, a dança toré tem uma importância na comunicação com antepassados e com o mundo dos encantados. A dança é o ritual principal do cotidiano dos índios Kanindé.

A ‘Escola especializada’ Manoel Francisco dos Santos e o Museu Indígena Kanindé vêm se constituindo como espaço fundamental na evolução da afirmação étnica Kanindé, de acordo com sua metodologia especializada para a recuperação da memória dos antepassados e a construção de uma identidade própria, valorizada e o prevailecimento da cultura indígena. Neste contexto, identificamos a importância da luta pela evolução comunitária do povo Kanindé, pela recuperação da terra, o posto de saúde, a ‘escola especializada’, que são as demandas de primeira necessidade para o povo.

Concluimos, a partir do estudo, que é de extrema importância à construção da memória dos mais velhos, *guardiões da memória* dentro dessa construção social dos índios Kanindé, uma vez que contribui muito para o fortalecimento de laços de sociabilidade entre outras aldeias indígenas do Ceará. Por outro lado, também permite ocupar espaço nas tomadas de decisões e lutas pelos direitos de igualdade dos índios face às outras sociedades do Brasil.

Esta pesquisa despertou a minha curiosidade para pesquisar as práticas de comunidades da Guiné-Bissau, meu país, utilizando ferramentas da antropologia para conhecer as suas tradições de conhecimento e os processos históricos de pertencimento, luta e permanência na terra que existem na atualidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

BARTH Fredrik, **Etnicidade e o conceito da cultura**. (Tradução), Paulo Gabriel Hilo da Rocha Pinto, Antro política nº19 2º semestre 2005, pp. 15-30.

BRANDENBURG Cristiane, Diário de campo: **um relato biográfico**/ BRANDENBURG Cristiane, FIALHO Lia Machado Fiuza e SANTANA, José Rogério (organizadores). –Fortaleza edições UFC, 2015. 140 p.: il.

FIALHO Lia Machado Fiuza, SANTANA José Rogério e VASCONCELOS José, Gerardo (organizadores). **Fontes Orais em pesquisa educacionais**, –Fortaleza: edições UFC, 2015. 128 p. il.

GOMES Alexandre Oliveira. **Aquilo é uma coisa de índio**: objetos, memória e etnicidade entre os kanindé no Ceará. Recife. 2012. Pg.12 a 275.

GOMES e VIEIRA NETO. **Museu e Memória Indígena no Ceará**: Uma proposta em construção. Fortaleza: SECULT, 2009.

Museus e memória indígena no Ceará: **a emergência étnica entre lembranças e esquecimentos**. In: PALITOT, Estevão Martins (Org.). Na mata do sabiá. Contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Museu do Ceará/Imopec, 2009, p. 367-391.

KOTTAK Conrad Phillip, Um espelho para a humanidade: **uma introdução à antropologia cultural**. ULCA/ professor associado no departamento de antropologia da universidade federal da Bahia. 2013, p. 261-291.

OLIVEIRA, João Pacheco. **Uma Antropologia dos “Índios Misturados”? Situação Colonial, territorialização e fluxos culturais**. Mana 4(1): 47-77, 1998.

SILVA Edson, Povos indígenas e o ensino: **reconhecendo o direito a inclusão das sócio-diversidade no currículo escolar com a lei n. 11.645/2008**, artigo 122 Polyphonia, 22/1 Jan/Jun. 2011.

LIMA Carmem Lúcia Silva. **As perambulações: etnicidade, memória e territorialidade indígena na serra das matas**. Fortaleza: Museu do Ceará/Imopec, 2009, p. 233-250.

SUCUPIRA Tânia Gorayeb e RODRIGUES Rui Marinho (ORGs). **História, memória e educação**. –Fortaleza : edições UFC, 2015. P. 43-56.

## ENTREVISTAS

Entrevista com José Maria Pereira dos Santos (Cacique Sotero) de 73 anos, realizada por Domingas da Silva, em 13 de junho de 2015, no sítio Fernandes (Aratuba-Ce).

Entrevista com Elenilson Gomes dos Santos, realizada por Domingas da Silva em 13 de junho de 2015, no sítio Fernandes, (Aratuba-Ce).

Entrevista com Cícero Pereira dos Santos, em 31 de outubro de 2015, realizada por Domingas da Silva no sítio (Aratuba-Ce).

Entrevista com Zusanalson da Silva Santos, realizada por Domingas da Silva em 20 de novembro de 2015, no sítio Fernandes (Aratuba-Ce).

Entrevista com Sotero em 16 de julho de 2016, realizada por Domingas da Silva, no sítio Fernandes (Aratuba-Ce).

Entrevista com Cícero Pereira dos Santos, realizada por Domingas da Silva, em 16 de julho de 2016 no sítio Fernandes (Aratuba-Ce).

Entrevista com Francisco Bernardo (Sinhô) de 77 anos, realizada por Domingas da Silva em 16 de julho de 2016 no sítio Fernandes (Aratuba-Ce).

Entrevista com Cacique Sotero, de 73 anos de idade, realizada por Domingas em 09 de setembro de 2016 no sítio Fernandes (Aratuba-Ce).

Entrevista com Francisco Bernardo (Sinhô), realizada por Domingas da Silva em 09 de setembro de 2016 no sítio Fernandes (Aratuba-Ce).

Entrevista com Estela Bernardo da Silva de 79 anos, realizada por Domingas da Silva, em 09 de setembro de 2016 no sítio Fernandes (Aratuba-Ce).

Entrevista com Teresa dos Pereira dos Santos de 67 anos, realizada por Domingas da Silva em 09 de setembro de 2016 no sítio Fernandes, (Aratuba-Ce).

## ANEXO 01

### Perguntas da pesquisa

Seu nome completo?

Nasceu aonde?

Nome dos seus pais? Em que família você pertence?

Com quem você casou?

Tens quantos filhos?

Fala um pouco sobre sua trajetória de vida (história).

Como é essa função de ser Cacique e Pajé?

Origem e trajetória dos Kanindé antes do reconhecimento do povo em 1995?

O que significa nome Kanindé?

Quais são os principais desafios para encontrar com atual moradia, território dos Fernandes?

Como se deu o processo de criação da coletividade Kanindé, que hoje se reúnem nesse espaço de sociabilidade e organização?

O que significa a terra para os Kanindé?

Importância da data 1915 para história dos kanindé?

Qual é a importância na afirmação étnica da identidade indígena Kanindé?

Quais são os principais momentos que o ritual da dança toré acontecem? E quem participa desse ritual?

O quê que a comunidade se concedera de importante para preservar a cultura e tradição?

Quais são os avanços da comunidade desde 1915 até hoje?

